

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA-MESTRADO**

LUCIANA SOARES DE MELLO

**HORIZONTES ÉTICOS:
O CUIDADO COMO POSSIBILIDADE DE *SER-NO-MUNDO***

Caxias do Sul

2013

LUCIANA SOARES DE MELLO

**HORIZONTES ÉTICOS:
O CUIDADO COMO POSSIBILIDADE DE *SER-NO-MUNDO***

Dissertação apresentada à Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial à obtenção do Grau de Mestre em Filosofia.

Orientador:

Dr. Jayme Paviani

Co-orientador:

Dr. Itamar Soares Veiga

Caxias do Sul

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

M527h Mello, Luciana Soares de
Horizontes éticos : o cuidado como possibilidade de ser-no-mundo /
Luciana Soares de Mello. – 2013.
96 f. : il. ; 30 cm

Apresenta bibliografia.
Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de
Pós-Graduação em Filosofia, 2013.
Orientador: Prof. Dr. Jayme Paviani ; co-orientação: Prof. Dr. Itamar
Soares Veiga

1. Ética. 2. Ser. 3. Fenomenologia. 4. Ontologia. 5. Heidegger, Martin,
1889-1976 – Crítica e interpretação. I. Título.

CDU 2.ed.: 171

Índice para o catálogo sistemático:

1. Ética	171
2. Ser	111.8
3. Fenomenologia	165.2
4. Ontologia	111
5. Heidegger, Martin, 1889-1976 – Crítica e interpretação	1HEIDEGGER

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Ana Guimarães Pereira – CRB 10/1460



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

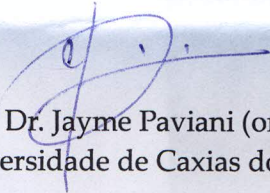
“Horizontes éticos: o cuidado como possibilidade de ser-no-mundo”

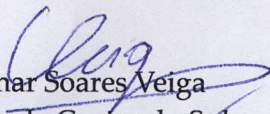
Luciana Soares de Mello

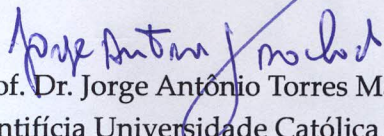
Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Filosofia. Linha de Pesquisa: Conceitos Fundamentais de Ética.

Caxias do Sul, 26 de setembro de 2013.

Banca Examinadora:


Prof. Dr. Jayme Paviani (orientador)
Universidade de Caxias do Sul


Prof. Dr. Itamar Soares Veiga
Universidade de Caxias do Sul


Prof. Dr. Jorge Antonio Torres Machado
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

CIDADE UNIVERSITÁRIA

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – B. Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone / Telefax (54) 3218 2100 – www.ucs.br

Entidade Mantenedora: Fundação Universidade de Caxias do Sul – CNPJ 88 648 761/0001-03 – CGCTE 029/0089530

AGRADECIMENTOS

Agradeço a *Universidade de Caxias do Sul*, pois através de sua comunidade, que busca constantemente o conhecimento, possibilitou-me um trabalho após a formação e principalmente continuar estudando, que é um dos grandes amores, que eu sinto na vida.

A todos os colegas da Biblioteca Central.

As secretárias do mestrado Daniela e Júlia.

A família.

Agradeço a oportunidade de ter sido aluna dos professores; *André B. Farias, João Carlos Brum, Evaldo Antônio Kuiava, Everaldo Cescon, Idalgo Sangalli, Itamar Soares Veiga, Jayme Paviani, José Carlos Köche, Paulo Cesar Nodari, Tania Maris, Malvina do Amaral Dorneles, Maria Aparecida Bergamaschi e Júlio Cesar Pereira*, cuja os ensinamentos foram fundamentais à elaboração deste trabalho dissertativo.

RESUMO

A presente dissertação, *Horizontes éticos: o cuidado como possibilidade de ser-no-mundo*, tem o objetivo de refletir e estabelecer exemplificações sobre a noção de cuidado em Heidegger. O cuidado a ser interpretado parte de uma perspectiva da analítica existencial nos níveis, ôntico e ontológico, procurando construir horizontes éticos, através do método hermenêutico. A interpretação do cuidado tem como base teórica as obras de Heidegger: *Ser e tempo* e *Carta sobre o humanismo*. Ressalta-se que, isso não significa que outras obras de Heidegger não sejam utilizadas no decorrer destas reflexões; apenas salientaremos a ênfase argumentativa em torno das duas citadas. A base argumentativa surge da seguinte indagação: *Existe a possibilidade de averiguações de horizontes éticos em suas reflexões acerca do ser?* Parti-se da hipótese de que são possíveis, por meio de estudos já existentes acerca da temática. Diante da característica marcante das obras de Heidegger, desvendarem questionamentos referentes ao *ser* e a crítica à sociedade do seu tempo no âmbito de seu *modo de ser*. Este trabalho dissertativo busca também estabelecer a aplicabilidade de suas teorizações no contexto da sociedade contemporânea, em que a ascensão da ciência compartimental, ainda é paradigma dominante. Nesta contextualização, quer-se demonstrar a importância das reflexões do pensador no âmbito da natureza, estabelecendo um dialogismo interdisciplinar entre os saberes humano, *prático* e *teórico*, pois Heidegger percebeu que a falta de cuidado foi um estigma da sociedade, em que ele viveu, no século XX, em que a guerra e ascensão das ciências técnicas eram os paradigmas dominantes. Diante do fato de que algumas constatações, verificadas pelo pensador, no século XX, acerca da sociedade tecnológica, ainda estarem presentes nos dias de hoje, percebe-se a importância de suas reflexões para um convívio harmônico, afetivo e cooperativo em sociedade.

Palavras-chaves: Cuidado. Tempo. Ser. Ética. Ser-no-mundo.

ABSTRACT

This entitled dissertation, *Ethics horizons: the care as the possibility of being- in- the world*, aims to reflect and establish exemplifications on the notion of care in Heidegger. The care will be interpreted from the perspective of the existential analytic levels, *ontic* and *ontological*, seeking to build ethical horizons through hermeneutic method. The interpretation of care is based on the theoretical ideas of Heidegger: *Being and Time* and the *Letter about Humanism*. We emphasize that it does not mean that other Heidegger's ideas are not used in the course of these reflections, we only highlight the argumentative emphasis around the two mentioned ideas. The basis of argument arises from the following question: *Is there the possibility to investigate the ethical horizons in your reflections about being?* We started from the hypothesis that it is possible through existing studies about the theme. Given the striking feature of the Heidegger's ideas, questions relating to unravel and be critical to society of their time within their way of being. This dissertation also seeks to establish the applicability of their theories in the context of contemporary society, in which the rise of science compartment, is still the dominant paradigm. In this context, we want to demonstrate the importance of Heidegger's reflections within nature, interdisciplinary setting a dialogism between human knowledge, practical and theoretical because Heidegger realized that the lack of care was a stigma of the society in which he lived, in the twentieth century, when the war and the rise of technical sciences were the dominant paradigms. Given the fact that some findings, verified by Heidegger in the twentieth century, about the technological society, are still present nowadays, we see the importance of his reflections for a harmonious coexistence, affective and cooperative society.

Keywords: Care. Time. Being . Ethics. Being- in- the-world.

ABREVIATURAS

CC	O caminho do Campo.
CH:	Carta sobre o Humanismo.
leD	Identidade e diferença
QéF:	Que é isto – A Filosofia?
leD	Identidade e Diferença
ST:	Ser e Tempo
SYT	Ser y Tiempo
H MA	Heidegger um Mestre na Alemanha entre o bem e Mal
QMF	A questão do Método na Filosofia

Lista de figuras¹

- Figura 1** - A proposta é estabelecer uma reflexão crítica acerca da produção de lixo na contemporaneidade, através do globo e o homem contemporâneo observando.11
- Figura 2** -: Estabelecer através da imagem o símbolo da ciência a crítica a ideia compartimental do conhecimento.....18
- Figura 3** -: Através uma representação simbólica artística estabelecer a importância do cuidado na existência.41
- Figura 4** -: A imagem sincroniza a natureza em equilíbrio e a intervenção dos seres humanos em uma perspectiva extremada de busca de poder, exemplificada, através da explosão da bomba atômica, na segunda guerra mundial, unida a natureza em que o ser humano necessita para existir.....63

¹ As figuras foram produzidos por *Bruno Bass*, aluno no curso de Publicidade e Propaganda da Universidade de Caxias do Sul.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Os Horizontes do Pensar.....	12
CAPÍTULO 2 O CUIDADO NO SER DO <i>DASEIN</i>: AS ENTRELINHAS DE UMA TEORIZAÇÃO ÉTICA	
2.1. HEIDEGGER: A POSSIBILIDADE DA MUDANÇA DE PARADIGMA NO CONTEXTO DA ÉTICA.....	19
2.2 CARACTERIZAÇÕES DA OBRA <i>SER E TEMPO</i> E <i>CARTA SOBRE O HUMANISMO</i> NA PERSPECTIVA DO CUIDADO.....	25
2.2.1 A OBRA <i>SER E TEMPO</i> : Caminhos argumentativos.....	26
2.2.2 A OBRA <i>CARTA SOBRE O HUMANISMO</i> : Desvelar Reflexivo.....	33
2.3 AS ÉTICAS TRADICIONAIS: INOVAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES PROPORCIONADAS PELO CUIDADO PROPOSTO EM HEIDEGGER.....	36
CAPÍTULO 3. O CUIDADO EM HEIDEGGER	
3.1 O CUIDADO ENQUANTO EXISTENCIAL O MANIFESTAR ÔNTICO E ONTOLÓGICO.....	44
3.2 A MANIFESTAÇÃO PRÉVIA DO CUIDADO POR MEIO DO MITO.....	50
3.3 O CUIDADO NO SER-DO-DASEIN: A PROBLEMÁTICA DA REALIDADE E DA VERDADE NO EXISTENCIAL.....	55
3.3.1 O problema da realidade.....	55
3.3.2 O problema da verdade.....	57
3.4 CUIDADO E A TEMPORALIDADE.....	60
CAPÍTULO IV. O CUIDADO EM HEIDEGGER NA PERSPECTIVA DA ÉTICA NO AGIR: UMA REFLEXÃO SOBRE AS NOVAS GERAÇÕES	
4.1- A NATUREZA OS PROBLEMAS ENFRENTADOS NA CONTEMPORANEIDADE.....	65
4..2 CONTRIBUIÇÕES PROPORCIONADAS PELAS TEORIZAÇÕES DE HEIDEGGER NO CUIDADO COM O MUNDO.....	71
4..3 O CUIDADO EM HEIDEGGER NA PERSPECTIVA DA ÉTICA NO AGIR.....	77

5	CONCLUSÃO	81
	ANEXO: glossário.....	85
	REFERÊNCIAS.....	89

1 INTRODUÇÃO



“Estamos ainda longe de pensar, com suficiente radicalidade, a essência do *agir*. Conhecemos o *agir* apenas como o produzir de um efeito. A sua realidade efetiva segundo a utilidade que oferece. Mas a essência do *agir* é o consumir. Consumar significa desdobrar alguma coisa até a plenitude de sua essência, levá-la à plenitude, *producere*. Por isso, pode apenas ser consumado, em sentido próprio, aquilo que já é. O que toda via ‘é’, antes de tudo é o ser. O pensar consuma a relação do ser com a essência do homem.” (HEIDEGGER, M. 2005, p. 7, grifos nossos).

1.1 Os Horizontes do Pensar

O obscurecimento do mundo, nunca atinge a luz do ser.
(HEIDEGGER, 1969, p. 35)

No mundo atual, enfrenta-se uma série de obstáculos existenciais, mas também tem-se momentos de descontração no contato com quem se gosta e ama. Na vida tem-se o percebimento de que a morte é um fato e normalmente não se pensa nisso. O *vir-a-ser* é um futuro de incertezas, e isso nos ocasiona o medo de não se ter os alimentos necessários para a sobrevivência, um teto para morar e se busca constantemente o *ter*. O problema é que nessa busca pelo *ter*, muitas vezes, esquece-se o *ser*. Isto é constatado por Fromm, Erich, na obra *Ter ou ser?* com a seguinte argumentação:

O homem ingressou numa nova era de história evolutiva, uma era em que a mudança rápida é uma consequência dominante. Ele está lutando com uma mudança fundamental desde que interveio no processo evolutivo. Agora ele deve apreciar melhor este fato e depois, desenvolver a sabedoria para dirigir o processo rumo à sua realização em vez de sua destruição (1987, p. 13).

Um acontecimento recente que demonstra as argumentações e aquela exposta por Fromm, foi a tragédia ocorrida em Santa Maria, no dia 27 de janeiro de 2013, em que 242 pessoas morreram em uma boate, vítimas de uma sequência de descuidos, que iniciou com o disparo de um sinalizador, em um ambiente fechado, o que ocasionou um incêndio. Diante dos relatos veiculados pela imprensa soube-se que muitas das vítimas morreram porque a saída estava impedida, pois era necessário pagar a comanda. Também se soube que o material do qual foi feito o isolamento da boate era inadequado e tóxico, que não havia portas de emergência e que ninguém viu acontecer isso até que ocorresse a tragédia.

Diante desses fatos, estabelecendo uma relação de reflexão com os pensamentos de Heidegger,² em sua obra *leD* compreende-se que:

² Martin Heidegger (1889-1976) viveu toda sua vida na Alemanha. É seguramente um dos pensadores fundamentais do século XX, pois recolocou questões e problemas referentes ao *ser*, segundo ele esquecido pela tradição filosófica. É considerado o refundador da *Fenomenologia*, inaugurada pelo seu mestre Edmund Husserl. Os amigos e conhecidos o descrevem como um típico

Pela representação da totalidade do universo técnico reduz-se tudo ao homem e chega-se, quando muito, a reivindicar uma ética para o universo da técnica. Cativos desta representação confirmamo-nos na convicção de que a técnica é apenas um negócio do homem. Passa-se por alto ao apelo do ser, que fala na essência da técnica. (2006, p. 16).

Diante das argumentações feitas na passagem citada e dos parágrafos que a antecedem, vê-se em nosso cotidiano, que a busca pelo ter é uma característica constante em nossa vida, pois, para viver precisamos de coisas. Entretanto, vive-se em uma sociedade, que o *não ter* significa *não ser nada*, dessa forma, as argumentações de Heidegger demonstram que a *representação do universo da técnica*, que reduz tudo ao homem, estabelece em seu cotidiano a intensificação maior do esquecimento do ser. Heidegger interpreta a técnica de maneira diferente do que já tinha sido exposto, pela tradição, pois, em sua visão reflexiva, o fazer do homem e o chegar a determinados fins precisam ser desvelados e não vistos de modo separado. Para ele são necessários primeiramente, a interrogação e o desocultamento e a verdade das relações existentes entre o homem e o mundo.

Nas palavras de Heidegger, na passagem citada, pode-se pressupor que para o ser humano manter o equilíbrio diante dos dilemas existenciais é difícil, pois se percebe e verifica um contexto social, em que o paradigma dominante, não unifica o *sentir* e o *pensar*, já que o que importa é o produzir e a qualidade de mais *coisas* e mais *coisas*, em uma *esfera ôntica*, de ocupação. A velocidade com qualidade é o que importa, pois que os seres humanos, com seus obstáculos, emoções e sentimentos, são secundários na esfera da *sociedade tecnicista*. Nesse contexto interpretativo, podem-se citar as indústrias automotivas em que a uma intensificação constante de produção de carros e o não percebimento dos danos

camponês alemão, mas que possuía um significativo diferencial pensava e refletia de maneira diferente dos demais, pois tinha o poder de argumentar, além de ter estabelecido uma novidade reflexiva, acerca da função da Filosofia, convertendo-a a algo indispensável sobre a opinião que se tem do pensamento. O pensador é descrito no livro biográfico **Heidegger: um mestre na Alemanha entre o bem e o mal (2000, p. 17)** por **Rüdiger Safranski**, na seguinte perspectiva: *Filosoficamente, Heidegger vem de longe. Tratou Heráclito, Platão, Kant, como se fosse seus contemporâneos. Chegou tão perto deles que escutou o que não chegaram a dizer e colocar isso em linguagem. Em Heidegger existe toda a maravilha metafísica, embora em declínio silente [...] Indagar e não responder era a grande paixão de Heidegger. A isso que ele indagava e o motivo porque procurava, ele chamou ser.* Em contrapartida, Michael Inwood, no livro **Heidegger (2004, p. 11)**, ao descrever o pensador, parte da seguinte perspectiva: que foi um excelente filósofo, entretanto um conservador alemão, durante algum tempo, nazista, um crítico extremado dos males de nossa época, nos possibilitando uma interpretação de cura para eles.

causados ao meio ambiente, em vista da produção desenfreada, ocasionando caos no trânsito.

Em função disso, Heidegger é contra, em muitos aspectos, a tecnologia, pois ele percebeu a devastação ocasionada pelo poder bélico na Primeira e Segunda Guerra Mundial. Isso é averiguado de maneira muito poética em sua obra *CC*.

Após a última batida, o silêncio ainda mais se aprofunda. Estende-se até aqueles que foram sacrificados, prematuramente em duas guerras mundiais. O simples torna-se ainda mais simples. O que é sempre o mesmo desenraiza e liberta. O apelo do caminho do campo é agora bem claro. É a alma que fala? Fala o mundo? Ou fala Deus? (HEIDEGGER, 1969, p. 72).

Diante desses aspectos, pode-se concluir que, todos vivemos em uma sociedade *doente*, ou seja, em uma sociedade em que há intensificação do esquecimento do *ser*, uma sociedade em que, muitas vezes, não existe uma reflexão acerca das causas de suas ações; apenas existe o percebimento quando já está acontecendo. Com essas caracterizações existentes no mundo, constata-se a necessidade de reflexões que busquem alternativas e questionamentos alicerçados na afetividade para uma alteração deste *modo de ser*. Um dos pensadores contemporâneos que dedicou sua vida a estudar essas características, que já estavam presentes no século XX, foi Heidegger, que dedicou sua vida a construir suas teorizações, em torno de questões que envolvem o *ser*, ou seja, Heidegger investigou a existência interior dos seres humanos ligados ao mundo em que viviam. O pensador percebeu que muitos seres humanos deixam seus projetos iniciais de vida pelos querereres da sociedade. Em uma de suas obras *CH* ele alerta:

Estamos ainda longe de pensar, com suficiente radicalidade, a essência do agir. Conhecemos o agir apenas como o produzir de um efeito. A sua realidade efetiva segundo a utilidade que oferece. Mas a essência do agir é o consumir. Consumar significa desdobrar alguma coisa até a plenitude de sua essência, levá-la à plenitude, *producere*. Por isso, pode apenas ser consumado, em sentido próprio, aquilo que já é. O que toda via “é”, antes de tudo é o ser. “O pensar consuma a relação do ser com a essência do homem.” (2005, p. 7).

Com os argumentos presentes na obra *CH*, juntamente com o exemplo citado, pode-se dizer que: a constatação feita por Heidegger se mantém até os dias

de hoje e, diante de toda a racionalidade existente nos seres humanos, ainda continuamos mantendo as mesmas características citadas por Heidegger no século XX, acerca da nossa *existência*. Esse é um dos motivos que faz dele um dos principais pensadores contemporâneos. Além de estabelecer uma mudança de paradigma acerca das reflexões ontológicas referentes ao ser humano, Heidegger possibilita, que se extraia uma interpretação profunda de nossa essência na existência. Muitas foram as reflexões deixadas por Heidegger, haja vista que suas obras reunidas, somam muitos volumes. Diante desse panorama tão abrangente de argumentações, delimita-se a reflexão deste estudo em torno do *cuidado*, interpretado pelo pensador em suas obras ST (1927) e CH (1946). A justificativa baseia-se no fato de que o *cuidado* é um fenômeno existencial que possibilita a verificação de um *modo de ser* do *Dasein*. Heidegger reflete em sua obra ST a importância do *cuidado*, nas diversas formas, de manifestação na existência. No decorrer deste estudo vai-se refletir e questionar sobre as críticas e os ensinamentos percebidos pelo pensador na trajetória de sua existência, pois para Heidegger uma das funções da filosofia é descrita da seguinte forma, em sua obra, *QéF?*: “uma coisa é verificar opiniões dos filósofos e descrevê-las. Outra coisa bem diferente é debater com eles aquilo que dizem.” (1989, p. 19). Com isso, se pode notar que para o pensador a crítica exerce uma importância fundamental na filosofia, caracterizando marcadamente suas obras, através do niilismo aplicado a toda tradição filosófica.

Quer-se esclarecer, que nesta contextualização, na qual se pretende ver elos argumentativos, entre o *cuidado*, proposto por Heidegger e os estudos éticos, o conceito *horizontes* (INWOOD, 2002, p.89) é empregado com o significado de *originar-se* do grego, *Ho Horizon (Kuklos)*, significando transcender as possibilidades do conhecimento, que se direciona a reflexão. Essa será vista na perspectiva de um olhar hermenêutico, no pensamento proposto por Heidegger acerca do ser, que possibilita o conhecimento, compreensivo e fático sobre o existencial *Dasein*, que tem como núcleo o cuidado, nos níveis *ôntico* e *ontológico*. Nele existe a possibilidade de transcendência pela condição do *Dasein* enquanto é *ser-no-mundo*. Conseqüentemente, no cerne dessa hermenêutica, construir horizontes éticos na perspectiva do agir.

O trabalho dissertativo a ser desenvolvido, surge de uma indagação, que está sendo desvendada na contemporaneidade por filósofos, que se dedicam ao estudo das obras de Heidegger. *Existe a presença de horizontes éticos nas averiguações feitas por Heidegger acerca do ser?* Partimos da hipótese que existe. Para desvendarmos estes horizontes éticos a partir do cuidado, estabelecemos os seguintes tópicos argumentativos em nosso estudo:

No capítulo intitulado “O cuidado no ser do Dasein: As entrelinhas de uma teorização ética,” serão analisados primeiramente, alguns estudos existentes na contemporaneidade, os quais comprovam a possibilidade de uma dimensão ética nas reflexões feitas por Heidegger acerca do *ser*. Para se alcançar esse objetivo, as metas se fundam nas seguintes argumentações: um resgate breve da biografia do pensador, que pode ser objeto de possíveis questionamentos sobre a existência de uma dimensão ética de seu pensamento. Logo após, apresenta-se elos argumentativos com comentadores contemporâneos de suas obras, *Zeljko Loparic, Ernildo Stein e Raquel Vilma Corrêa*, visto que em seus estudos, comprovam a existência, nas entrelinhas, da presença da ética em suas obras.

O desdobrar reflexivo nos capítulos posteriores se apresenta da seguinte forma:

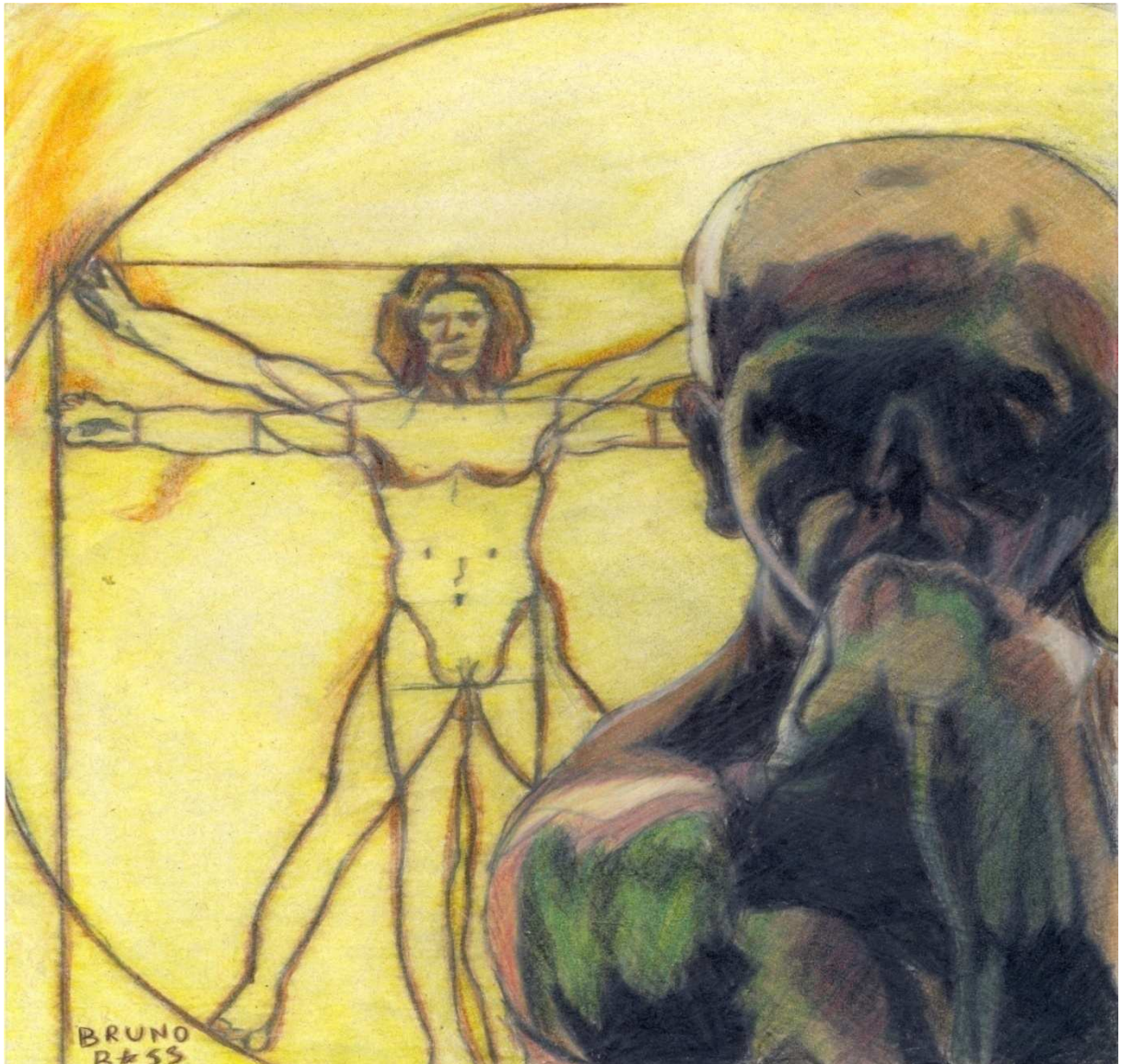
No capítulo 3, intitulado “O Cuidado em Heidegger”, estabelecem-se os elementos que pretendem elucidar o entendimento do que seja o *cuidado* no existencial proposto por Heidegger, em seu eixo argumentativo-filosófico, em que a busca é o desvendar do *ser*. Para atingir tal objetivo, iniciam-se as argumentações, verificando algumas interpretações existentes na contemporaneidade acerca do significado do que seja *cuidado*. Também se enumeram algumas interpretações modernas acerca de seu significado nas obras de Heidegger, cuja ênfase argumentativa se centra nas obras ST e CH. Analisa-se a estrutura apresentada por Heidegger sobre o cuidado e a existência. Nela o pensador faz uma distinção entre cuidado *ôntico* e *ontológico*. No decorrer, se constatará, em termos de historicidade, o que Heidegger denomina ser o *primeiro testemunho ontológico do cuidado*, o *Mito de Higino*, ou seja, a primeira manifestação prévia do *cuidado*, em termos de historicidade e a influência que os mitos exercem até hoje no *Dasein*, como *ser-nomundo*, ou seja, averiguar a importância dos mitos em reflexões éticas. Também se

apresentam as problemáticas que envolvem a realidade e a verdade na perspectiva do *cuidado* no ser do *Dasein*. Finalizam-se as argumentações estabelecendo uma reflexão sobre o cuidado e a temporalidade.

O Capítulo 4 se ocupa com a aplicabilidade das reflexões proporcionadas por Heidegger acerca do *cuidado* no contexto da natureza. As argumentações iniciam com constatações reflexivas relativas aos problemas enfrentados na atualidade e os aspectos apresentados na história da filosofia que demonstram o *porquê* dessa manifestação no existencial. Isso faz com que a natureza seja interpretada como *matéria extensa*. Também verifica a maneira como Heidegger interpreta a natureza e suas conclusões, as interligando-as a noção de *cuidado* proposta pelo pensador. Considerando-se isso, demonstra-se que por meio da ética do agir, é possível o surgimento de uma reflexão que possibilite a preservação ambiental para as novas gerações.

As conclusões (último capítulo) apresentam as reflexões originadas com o presente estudo, cujo enfoque principal se estabelece em uma perspectiva hermenêutica que guiou todo o estudo realizado. O método parte da análise de cada capítulo e das inter-relações deles envolvidas.

2 O CUIDADO NO SER DO DASEIN: AS ENTRELINHAS DE UMA TEORIZAÇÃO ÉTICA



A “Ética” aparece junto com a “Lógica” e a “Física”, pela primeira vez, na Escola de Platão. As disciplinas surgem na época, que permite a transformação do pensar em Filosofia [...] em Ciência e a Ciência mesma em um assunto de escola e de atividade escolar. Na passagem por está filosofia, assim entendida, surge a Ciência e passa o pensar. Os pensadores antes desta época não conhecem nem uma lógica nem uma Ética e nem uma Física. E contudo, o seu pensar não é ilógico nem imoral. (HEIDEGGER, 2003, p. 70)

2.1 HEIDEGGER: A POSSIBILIDADE DA MUDANÇA DE PARADIGMA NO CONTEXTO FILOSÓFICO DA ÉTICA

Caminha e balança, ponte e palavra encontram-se em uma passagem.
Heidegger (1969, p. 17)

Na atualidade percebe-se, principalmente quando se pensa no comportamento social de muitos brasileiros, a necessidade da ética para um convívio mais harmônico entre os seres humanos, pois se constata que se está em uma sociedade em que a expressão *jeitinho brasileiro*, se tornou o alicerce de muitas ações. Zajdsznader no livro *Ser ético* (1994, p.11) constata que a ética em nossa sociedade é caracterizada pela *necessidade e demonstrabilidade*, e se constata, na prática em sua *insuficiência*, pois se vive em um cotidiano tenso, em que muitas vezes, a sobrevivência nos remete a instintos e comportamentos de rebanho, pois se esta em uma situação de degradação das condições sociais, caracterizadas amplamente pelo medo, pela violência e a insuficiência de se vislumbrar um futuro e cultivar a esperança. Isso significa, que em um contexto prático, quem pode mais chora menos. Segundo Motta e Alcapadipani, no artigo, “*Jeitinho brasileiro, controle social e competição*” (1999); o *jeitinho brasileiro* se situa na diferença do que é estabelecido pela lei e se contradiz na conduta, ele se manifesta em diferentes graus e em diversas culturas no mundo. Isso significa que o *jeitinho* se caracteriza por driblar as leis, ordens e regras, que valorizam o bem universal em prol do pessoal, ele é visto como enraizado em nossa cultura sendo um mecanismo de controle social que privilegia o ter.

Diante da tragédia ocorrida em Santa Maria, em que 242 pessoas foram mortas: jovens, estudantes e trabalhadores, em que houve uma sequência de descuidos com as pessoas, se verifica que estamos no país do pode tudo. O dono da loja de material de fogos de artifícios sabe que é inadequada a utilização de sinalizadores em ambiente fechado, mas vende. O músico sabia dos riscos, mas queria que a sua banda chamasse muito atenção e talvez, com o tempo, alcançasse o sucesso. Os extintores não funcionaram, e o alvará estava liberado. Não havia portas de emergência; Realmente vivemos no país do *jeitinho brasileiro*: quem pode *mais chora menos*.

Se pesquisar sobre a temática ética, se encontram inúmeros trabalhos teóricos, que se expandem e se aperfeiçoam com o tempo, entretanto, isso muitas vezes, não é absorvido pelo social, ou seja, existe uma lacuna enorme entre o *teórico* e o *prático*. Diante desse contexto, percebe-se uma predominância de reflexões éticas em áreas específicas de conhecimento e quando se insere a palavra *filosofia*, que foi de onde ela nasceu, nestes contextos específicos, se perceberá, muitas vezes, a ironia e o desmerecimento de sua importância. Apesar deste cenário desmerecedor, concorda-se com Stein, no seu texto introdutório desenvolvido na coleção os pensadores:

É tarefa primordial da Filosofia conduzir o Homem para além da pura imediatividade e instaurar a dimensão crítica. Superada a postura ingênua diante da realidade é então possível assumir responsabilmente a verdade como um todo, pois somente a perspectiva que abre o comportamento filosófico é capaz de antecipar os limites e as possibilidades das diversas áreas, em que se move a interrogação pela verdade. É por isso que o destino da história depende da lucidez e distância que são o apanágio da filosofia. (1989, p. 27).

Considerando esta afirmação proporcionada por Stein, verifica-se que a divisão dos saberes humanos ocasionou uma desconsideração acerca da importância da filosofia, Heidegger quer resgatar esta importância, através do desvelar do ser no existencial, criticando a tradição filosófica, uma característica marcante de suas obras, já expressa nas primeiras linhas da obra ST.

Essa pergunta está hoje esquecida, apesar de nossa época ter na conta de um progresso a reafirmação da “metafísica”. Entretanto, nosso tempo se tem por dispensado de empreender os esforços para desencadear uma nova [...]. E, no entanto, a referida pergunta não é uma questão qualquer: deu o que fazer a interrogação de Platão e Aristóteles, embora se tenha calado desde então- como pergunta temática de uma investigação efetivamente real. (HEIDEGGER, 2012, p. 33).

Ao se propor uma reflexão filosófica, em que se estabelece inicialmente a seguinte interrogação: *Existe a presença de horizontes éticos nas averiguações feitas por Heidegger acerca do ser?* Tem-se a consciência de que está indo contra os princípios básicos estabelecidos pelo próprio pensador em suas reflexões. Apesar de se ter percebido este fato, pretende-se verificar que, através das reflexões feitas acerca do ser, existe a possibilidade do surgimento de uma nova

maneira de pensar a ética. Heidegger, ao expressar, o que significa *ética* na tradição filosófica, em sua obra CH, faz a seguinte argumentação:

A “Ética” aparece junto com a “Lógica” e a “Física”, pela primeira vez, na Escola de Platão. As disciplinas surgem na época, que permite a transformação do pensar em Filosofia [...] em Ciência e a Ciência mesma em um assunto de escola e de atividade escolar. Na passagem por esta filosofia, assim entendida, surge a Ciência e passa o pensar. Os pensadores antes desta época não conhecem nem uma lógica nem uma Ética e nem uma Física. E, contudo, o seu pensar não é ilógico nem imoral. (HEIDEGGER, 2003, p. 70)

Diante da crítica apresentada por Heidegger, a ideia compartimental do conhecimento, encontra-se nas argumentações de Canto-Spender, no *Dicionário de ética e filosofia moral* (2003, p. 732), a constatação de que o pensamento de Heidegger, no contexto da ética, envolve dificuldades. Entre as quais ela, destaca o envolvimento do pensador com o nazismo e o seu silêncio quase que total sobre os campos de concentração, o que ocasiona um abismo entre o *teórico* e o *prático* em seus argumentos éticos. Também se acreditou poder contestar a existência de qualquer dimensão ética no pensamento de Heidegger, com base em sua rejeição da ética como disciplina e na não existência correlativa de uma *filosofia moral*, recusando-se a qualquer interpretação moralista acerca do *Dasein*. Isso pode ser comprovado na seguinte passagem de sua obra *CH*:

A aspiração por uma Ética urge, com tanto mais pressa por uma realização, quanto mais a perplexidade manifesta do homem e, não menos, a oculta, se exacerbam para além de toda a medida. Deve dedicar-se todo o cuidado á possibilidade de criar uma Ética de caráter obrigatório, um vez que o homem da técnica, entregue aos meios de comunicação de massa, somente pode ser levado a uma estabilidade segura, através de um recolhimento e ordenação do seu planejar e agir como um todo, correspondente a técnica. (HEIDEGGER, 2005, p. 68-69).

Conforme a reflexão de Heidegger, acerca do manifestar da ética em seu tempo, percebe-se que está vista pelo pensador sob um prisma crítico. Destaca que o manifestar predominante é o *planejar* e o *agir*, correspondente à técnica. E, filosoficamente, segundo Loparic, no livro *Ética e finitude*, tinha a característica de estabelecer suas fundamentações em *deveres* e *máximas*, para o conduzir das

ações humanas, com isso, Loparic, alerta que esse tipo de reflexão ética existente até o momento não conseguiu, estabelecer o *porquê* da existência de situações de barbárie entre os seres humanos, e mais: tais situações de barbárie são o resultado do homem, que se conduziu pela técnica, ou seja, esqueceu o *ser* de sua existência e se guia pelos fatos isolados, esquecendo o todo existencial. Apesar dessa reflexão aberta nas argumentações do pensador, constata-se que não se pode dizer que Heidegger seja alheio a preocupações éticas. A verificação dessa afirmação é constatada em decorrência de que, os leitores que se aprofundam mais nas entrelinhas de suas obras perceberão que, quando Heidegger elaborou o seu eixo argumentativo em torno do *ser* automaticamente embasou reflexões éticas sobre o *ser humano*. E, segundo a nossa hipótese de trabalho, estas reflexões éticas potenciais remetem ao núcleo do ser do *Dasein*, ao cuidado. Entre as argumentações, existentes sobre a comprovação de uma dimensão ética no pensamento de Heidegger, destacam-se as seguintes:

Loparic, no livro *Ética e finitude* (2004), afirma que, apesar das inúmeras críticas existentes contra Heidegger, diante dos fatos que marcaram sua vida, que rompem com a responsabilidade da prática de questões que envolvem o agir moral, suas obras, contêm uma teoria do existir humano, que pode ser interpretada sob um fio condutor ético, que se estabelece na finitude humana, no sentido de um princípio regulador. Diante disso, as teorias presentes no eixo argumentativo filosófico de Heidegger acerca do *ser* são estabelecidas com base em uma *ontologia refundada*,³ que busca as causas e verdades, cuja base não é vista na perspectiva de *regras e máximas*.

Nas interpretações de Loparic, depreende-se que ele considera que o infinitismo nos remete a uma *realidade cósmica a vir a ser* e não a *constituição da vida finita*, que é marcada em muitos momentos, pela *dor*. Ele estabelece a seguinte indagação para comprovar seus argumentos críticos: *quais são as esperanças depositadas na infinitude do pensamento?* A resposta à indagação é dada a partir da realidade e dos fatos verificados pelo pensador, de morte das utopias, retorno à barbárie, do conceito de história que caiu em descrédito, juntamente com o agir que

³ A ontologia refundada por Heidegger se distingue da feita pela tradição, em vista do fato de ter verificado que seu domínio era *estudar os entes enquanto tais* e não com o seu ser. (INWOOD. Michael. **Dicionário de Heidegger**. RS: Editora do Vale do Rio dos Sinos, (2002, p 131).

não mais possui o paradigma dominante em *fazer o bem*, mas *agir planejadamente*, (influência da técnica). Sob essa perspectiva interpretativa, segundo Loparic, o homem ocidental buscou a plenitude no lugar errado, o ser interpretado infinitivamente, visa a ações que o aperfeiçoem através de deveres éticos. Na visão hermenêutica de Loparic, a solução encontrada por Heidegger para esse manifestar existencial é uma reconsideração dos conceitos de *dever* e *agir* e, pensando dessa forma, estabelece novas possibilidades de teorizações. Essas teorizações levam em conta a morte da metafísica e a reconstrução do sistema filosófico proposto por Kant. O objetivo principal de Loparic é a reconstrução da visão infinitista acerca do mundo para uma visão finita. Enfim, por meio dessas passagens do texto de Loparic pode-se perceber que a ética não precisa ficar distante da reflexão heideggeriana, mas, ao contrário, a filosofia de Heidegger pode oferecer uma nova via de acesso às reflexões. Uma via de acesso não metafísica e infinitista.

Segundo Stein, no livro *Introdução ao pensamento de Heidegger* (2002, p. 7), o método de argumentação feito por Heidegger no início de ST é estabelecido através da *fenomenologia hermenêutica*, em que o ser humano é desvelado a partir da analítica existencial. Com essa abordagem metodológica, Heidegger instaura em ST a reviravolta na metafísica em questões interligadas ao *ser*. Heidegger percebeu que a metafísica não questionava a verdade do ser, mas aceitava um conceito como preexistente e a aplicava à realidade. O filósofo quer voltar ao pensamento originário, isso significa, na prática, voltar ao pensamento dos pré-socráticos e retomar questões que estavam esquecidas. O retorno às reflexões em torno do ser, no sentido predicativo e existencial nos remete a uma série de reflexões, entre estas reflexões, está a do *cuidado*. Esta verificação reflexiva proporcionada por Heidegger, faz com que Stein, em seu livro, *Seis estudos sobre “Ser e tempo”* (2005, p. 13), perceba que na estrutura sistemática de ST, uma de suas teses fundamentais é: *Ser-no-mundo é cuidado, cura (sorge)*.

Diante dessa constatação, Stein, na obra: *Seis estudos de “Ser e Tempo”* faz a seguinte argumentação:

A situação total que Heidegger designa “ser-no-mundo”, pode ser designada como situação do cuidado. A relação de cuidado consigo mesmo e com o mundo caracteriza todas as realizações da vida relacionando-se, assim, com a vida como um todo. (2005, p. 14).

Ao mencionar a interpretação de Stein, percebe-se a necessidade do cuidado na existência, pois um fato é óbvio em nossa vida, verificado por Heidegger em ST: é que *ser-no-mundo* indica que já se está sempre em decadência e necessita do cuidado e que esse se manifesta pela presença do outro. Dessa forma, via teorização existente acerca do *ser* se percebe que o cuidado é fundamental em estudos éticos, pois pelo cuidado existe o elo entre o meu eu e o eu dos outros, ou seja, esse contato indica um *antecipar-se a si, já sendo, no mundo, entre os entes*, no existencial, possuindo a capacidade de dar uma possível explicação das caracterizações das relações humanas. Nesse viés, o cuidado estabelece horizontes éticos, por meio das relações que se estabelecem entre os seres humanos. Finalmente por meio dessa abordagem orientada pelos textos de Stein, fixam-se mais uma vez a importância do existencial cuidado para os propósitos desta dissertação.

Um outro aspecto é o texto de Corrêa⁴ no artigo intitulado, “*A perspectiva ética da “Carta sobre o Humanismo”, de Martin Heidegger*”. Ela percebeu que na obra CH, não existe um discurso explícito ético no desvelar dos pensamentos proporcionados pela linguagem do pensador. A caracterização da linguagem feita por Heidegger tem como a base uma ontologia reformulada. Pois, Heidegger a considera, como o conjunto de toda sua reflexão e a conduz a um modo mais radical e, nesse contexto, busca uma instância originária para a palavra *ethos* dentro de um discurso da experiência ética.

Com essas interpretações sobre o pensamento de Heidegger, salienta-se que a reflexão ética é estabelecida nas entrelinhas, ou seja, compreende-se que: existe a possibilidade de desdobramentos reflexivos e uma nova visão interpretativa do que seja ética, que se distancia de regras do agir e das máximas, próprias da tradição, e passa a ser vista sob a perspectiva de um *modo de ser* do *Dasein*. Dentro do eixo filosófico proposto por Heidegger, o cuidado exerce uma função primordial, ele é o “o quê” do *Dasein*, pois Heidegger percebe que no ser do *Dasein* não existe passado,

⁴CORRÊA, R. Wilma. *A Perspectiva Ética da “Carta sobre o Humanismo” de Martin Heidegger*. FUNREI, São João del-Rei, n. 3. p. 51-54, jul. Disponível em: Revista Eletrônica Print by <http://www.funrei.br/publicações/Μετανόια>. Acesso 9 de fevereiro 2011.

futuro e presente; vistos isoladamente, eles interagem em sua estrutura, em suas decisões cotidianas. Assim se pode afirmar que, há uma mudança radical na história da filosofia, de modo que o *penso, logo existo*, estipulado pelo dualismo de Descartes se tornaria *existo depois penso*. Mas, para isso, é necessário que um dos existenciais fundamentais do *Dasein*, o cuidado, seja considerado dentro de um papel preponderante na interpretação da ética. Pois os recursos estão previamente colocados por Heidegger, em que o cuidado é um fenômeno que orienta a existência e permita a transformação do *ser-no-mundo*, que pode se modificar com a temporalidade.

2.2 CARACTERIZAÇÕES DAS OBRAS: *SER E TEMPO* E *CARTA SOBRE O HUMANISMO NA PERSPECTIVA DO CUIDADO*

Nas argumentações propostas por Heidegger, já houve a constatação (sob a perspectiva de nossas argumentações anteriores) que, o *cuidado*, que faz parte da esfera ontológico-existencial de *ser-no-mundo*, poderá ser transposto para estudos éticos, em reflexões filosóficas, em esferas que envolvem relações humanas em seu *modo de ser*.

Heidegger, que viveu no século XX, percebeu que a falta de cuidado foi um estigma de seu tempo, pois presenciou os acontecimentos e efeitos da Primeira e segunda Guerra mundial em sua vida e os abalos ocasionados na sociedade. Habermas descreve o contexto, em que viveu Heidegger, na obra, *O Discurso Filosófico da Modernidade*, na seguinte perspectiva:

Heidegger vê a natureza totalitária da sua época caracterizada pelas técnicas globalmente abrangentes da dominação da natureza, estratégica bélica e do apuramento da raça. Nelas se manifesta a racionalidade orientada para fins absolutizadas do “cálculo de todo agir e planejar”. Mas esta racionalidade baseia-se na compreensão especificamente moderna do ser que se radicalizou desde Descartes até Nietzsche: A época que designamos de moderna é determinada pelo fato de o Homem ser a média e o meio do ente. O Homem é subjacente, a todo ente, ou seja, a toda a objetivação e representabilidade dos tempos modernos, o *subjectum*. (2010, p. 140).

Em decorrência dessa caracterização pertencente às experiências vivenciadas por Heidegger, percebemos uma possibilidade interpretativa dos

motivos que o levam a fazer as seguintes interrogações e afirmações, em sua obra *CH* (1946).

Para onde se dirige “o cuidado”, senão no sentido de reconduzir o homem novamente a sua essência? Que outra coisa significa isso, a não ser que o homem (homo) se torne humano (humanus)? Deste modo então, contudo, a *humanitas* permanece no coração de um tal pensar: pois humanismo é isto: meditar e cuidar para que o homem seja humano e não desumano, inumano, isto é situado fora da sua essência. (2005, p.17).

Nota-se que, para Heidegger pelo manifestar do cuidado, existe a possibilidade de uma recondução à essência, que é aquela do ser humano. Somente assim tem-se um *cuidar* e *meditar* dentro de uma *ética originária*.⁵ Mas, é necessário ter em vista a dimensão mais fática da existência, e por isso pensar criticamente sobre o *humanismo* que vem de *humanitas* (que *significa* humanitário) e também a formação do homem. O resultado da crítica exerce a função de proporcionar aos seres humanos um *pensamento que medita*, havendo a transformação, que faz com que o humano seja humano e não desumano.

Dentro dessa perspectiva de importância do *cuidado* no existencial, caracterizamos as obras de Heidegger, base de nossa argumentação, *ST* e *CH*, pois acreditamos que desta forma, teremos um melhor entendimento da maneira como Heidegger interpreta o manifestar do *cuidado* na existência.

1.2.1 A OBRA *SER E TEMPO*: Caminhos argumentativos

A obra *ST* foi publicada em 1927. O título original na língua alemã é *Sein Und Zeit*. De acordo com Stein, no artigo, “Algumas considerações acerca do conceito de mundo⁶”, *ST* é um título kantiano, composto pela estética transcendental e analítica existencial, ou seja, o nome da obra surge em decorrência da relação entre sensibilidade (tempo) e inteligibilidade. Começou a ser redigida nos anos 20

⁵⁵ Essa proposta de uma *ética originária* esta longe de regras de agir ela significa que ética é ontologia. Que significa isso? Reflexões dos fenômenos existenciais, que une *existencialidade* e *transcendentalidade* em questões que envolvam o ser.

⁶ Publicado em *CONJECTURA*; 1987, p.107.

(séc.XX), quando Heidegger decidiu romper com a Igreja Católica e também quando começou a distanciar-se de seu mentor, Edmund Husserl. Enquanto Husserl estava decidido a elucidar os mecanismos mais ocultos da mente, Heidegger se convenceu de que, os pensadores deveriam se voltar para experiências comuns, que as pessoas manifestavam em seu cotidiano e na constituição do existencial.

Já o autor, Carneiro (2009), na *Introdução* da obra *sobre o humanismo* (2009, p. 10), interpreta que em ST há os alicerces de questionamento referente ao ser. Também constatou que, na obra existe a constatação reflexiva do esquecimento do ser na essência dos seres humanos. Concluiu que Heidegger utiliza em suas argumentações termos da tradição filosófica, mesmo criticando-os e estabelecendo uma nova reflexão, entre eles: *ser, existência, substância, Dasein, verdade, realidade*. Todos esses aspectos são analisados para que haja a superação da metafísica, pois eles são considerados pontos de partida para o trabalho realizado na tradição filosófica. Isso pode também ser encontrado, na seguinte passagem de ST.

Sobre a base dos pontos-de-partida gregos da interpretação do ser construiu-se um dogma que não declara supérflua a pergunta pelo sentido de ser, mas além disso sanciona sua omissão. Diz-se: “ser” é o conceito mais universal e o mais vazio e, como tal, resiste a toda tentativa de definição. (2012, p.33)

Com as argumentações expostas em ST, se nota uma retomada profunda da questão do *ser*, pois Heidegger averiguou que na tradição filosófica, o ente foi interpretado como sendo o *ser*. O pensador estabelece que, a tradição sancionou ao ser um vazio, em decorrência dos seguintes preconceitos: *ser é um conceito universal, indefinível e pode não ser entendido por si mesmo*. Diante disso, sua pretensão é buscar na *ontologia fundamental* as respostas a esses preconceitos.

Beani, No livro, *Heidegger: arte como cultivo do inaparente* (1986, p.121), escreveu que em ST Heidegger estabelece um pensar inovador, que se caracteriza em construir e destruir o que afasta o ser. Sua pretensão é buscar na ontologia fundamental uma reformulação desses preconceitos através da manifestação existencial de que, os seres humanos são *seres-no-mundo* temporais e históricos. Beani, (1986, p. 121), concluiu também que o método que estabelece o fio condutor das reflexões feitas por Heidegger é estabelecido pela *Ontologia Fenomenológica* e

na *fenomenologia Hermenêutica*. Da unificação destes dois métodos, surgirá a *Ontologia fundamental*, que se caracteriza contando com três elementos: é *hermenêutica*, ou seja, o Dasein não é definido pelo conhecimento, é *temporal* o horizonte de compreensão do Dasein, é o tempo, é *existencial*, pois é pela existência que é possível o acesso ao ser. As argumentações de Beaini podem ser fundamentadas na seguinte passagem da obra ST.

Ontologia e fenomenologia não são duas disciplinas, diversas que, ao lado de outras, pertencem à filosofia. Ambos os termos caracterizam a filosofia ela mesma, segundo o objeto e segundo o modo-de-tratamento. Filosofia é ontologia fenomenológica universal cujo o ponto de partida é a hermenêutica do Dasein, a qual como analítica da existência fixou o ponto do fio condutor de todo perguntar filosófico universal cujo ponto de partida é a hermenêutica. (HEIDEGGER, 2012, p. 129).

As bases da argumentação de Heidegger são estabelecidas na relação existente entre *ser*, *Dasein* e *tempo*. Pöggeler (2000, p. 160) considera que, em ST existe um realçar do *como* da estrutura do *Dasein*, que entende o ser, pois o Dasein emerge do ser humano, em que o ente se abre em seu ser, que este *Dasein* é *ser-no-mundo*, mundo é visto em uma perspectiva de todas as maneiras de que algo é dado. Conseqüentemente, no âmago de ST e de toda a filosofia de Heidegger esta a seguinte pergunta: O que significa *Ser*? Heidegger inicia as argumentações em ST, tendo compreensão de que os seres humanos são os únicos seres capazes de se perguntarem o que é o ser. Diante desta compreensão, utiliza em seu eixo argumentativo, a expressão *Dasein* (ser-ai ou estar-ai), estabelecendo elos entre o eu interior e o mundo vivido. Através desta caracterização argumentativa, rompe com as caracterizações da fenomenologia proposta pelo seu mentor intelectual, durante muitos anos, Husserl⁷, criando uma nova fenomenologia. O existencial é visto contra toda a tradição fenomenológica da época, havendo uma diferenciação argumentativa do que havia sido descoberto nos campos da psicologia e etnologia, Isso significa, não mais conceder ao *Dasein* a definição tradicional, de animal racional, mas sim, a de um ser que tem privilégio da compreensão de seu ser, que ele é próprio como do ser que não lhe pertence (Dastur, 1997, p.33).

Heidegger na obra *A essência do fundamento: a determinação do Ser do Ente, segundo Leibniz* (1971, p. 14) ao argumentar sobre o método fenomenológico,

⁷ Husserl criou o método fenomenológico, que busca a essência do conhecimento.

considera que esse visa o redimensionamento da questão do ser e não numa abstrata teoria, nem numa pesquisa historiográfica de questões ontológicas, mas a uma imediata proximidade com a práxis humana como *existência*, *facticidade* e *linguagem*. O sentido e a significação não estão condicionados a um sistema fechado de referências, mas à historicidade.

Diante dessas constatações, Heidegger ao longo de ST, irá estabelecer em suas argumentações a importância do cuidado, que este liga todos os existenciais do *Dasein*. E que nesta estruturação, o *Dasein* não pode ser compreendido como uma simples composição de elementos substanciais, mas que existe uma relação intrínseca com o todo. Dentro dessa perspectiva, os caracteres fundamentais do *Dasein* são: *Existencialidade*, *facticidade* e *estar-caído*⁸ e nestes surge o *ser-no-mundo*. No Capítulo 3 de ST, Heidegger mostra o que é o mundo ôntico, ou seja, a soma de entes, e que o mundo não pode ser visto na limitação proposta pelas ciências físicas. Em face dessa crítica apresentada na obra, analisem-se as seguintes argumentações: *o sentido do ser; maneira de entender o ser através do Dasein; o Dasein é ser-no-mundo; ser-no-mundo é cuidado; cuidado é temporal*, em que se verifica uma não linearidade do tempo. Tema do capítulo 3 deste estudo.

E, também Stein, na obra, *Compreensão e finitude* (2001, p. 23) reforça a pretensão geral de Heidegger, nesta passagem, na seguinte perspectiva:

A busca da verdade do ser, do sentido do ser, começa pela analítica existencial. Nas estruturas da finitude e da temporalidade do ser-aí, Heidegger procura desvelar o horizonte em que se manifesta o sentido do ser. Mas para realizar a verdadeira compreensão do ser na finitude, ele precisa desenvolver as verdadeiras dimensões em que se dá tal compreensão. (STEIN, 2001, p. 23).

Ao serem estabelecidos elos argumentativos entre a reflexão de Stein acerca de um dos objetivos da obra, percebe-se que em ST (2012, p. 133), a elaboração das reflexões em torno do ser é estabelecida a partir de duas tarefas, ou seja, a obra divide-se em duas partes que são expressas da seguinte forma: *A interpretação do*

⁸ As significações amplas, desses caracteres, que pertencem ao *Dasein* encontram-se, no glossário de expressões no final deste trabalho dissertativo.

Dasein em conexão com a temporalidade em que o tempo é o horizonte transcendental da interrogação do ser. A segunda parte pretende destruir a história da ontologia através da temporalidade.

Mais uma vez, Stein em *Seis estudos de “Ser e tempo”* reforça a pretensão geral de Heidegger ao afirmar que existem algumas caracterizações importantes, que permitem diferenciar a obra em comparação ao que já havia sido escrita sobre filosofia. A primeira característica é que a Ontologia tradicional é criticada a favor de uma fundamental, isto é, feito, porque Heidegger considerou a Ontologia tradicional como se lê:

Toda ontologia, por rica e firmemente articulada que seja o sistema de categorias à sua disposição, no fundo permanece cega e se desvia de sua intenção mais-própria, se não elucidou suficientemente o sentido de ser e não concedeu a elucidação como sua tarefa fundamental. (ST, 2012 p. 57).

E, diante da análise do artigo: “*O cuidado (sorge) para Heidegger e Winnicott,*”⁹ tem-se que na obra *ST* (1927) a existência é estabelecida por existenciais e não mais por categorias. Entre esses existenciais estão, *Dasein*, *ser-no-mundo*, *ser-com*, *temporalidade*, *espacialidade*, entre outros, que buscam uma reflexão sobre o modo de ser dos humanos no mundo. Por sua vez, no livro *Cotidiano e queda: uma análise do parágrafo 38 de “Ser e tempo”* (2012), escrito por Veiga, conclui-se que em termos estruturais, *ST* está dividido em duas seções. Ambas as seções possuem uma característica comum: desvendar o *ser*. O que diferencia a primeira seção da segunda é o fato de a primeira possuir uma exposição crítica acerca da tradição filosófica em torno da maneira como o *ser* foi visto, que, segundo Heidegger, foi esquecido e, por isso fez uma analítica existencial. Também as argumentações são estabelecidas com o intuito de verificar a estrutura do *Dasein* no existencial, tendo como base a analítica existencial. E na segunda seção, a característica predominante é a verificação da finitude do *Dasein* (a morte) e a ênfase argumentativa em torno da temporalidade. Segundo Veiga, na primeira seção de *ST*, Heidegger expõe os principais existenciais do *Dasein* sendo eles: *sentimento*

⁹ OLIVEIRA, Fabrício Ramos. **O Cuidado (sorge) para Heidegger e para Winnicott**. Acesso em 3 de fevereiro de 2013. Disponível em: <www.uel.br/eventos/eventos/sepech/sumarios/temas>.

de situação, compreensão, interpretação, discurso, decaída, angústia, medo e cuidado, entre outros, e também as condições existenciais. Verifica que também Heidegger argumenta sobre as condições existenciais sendo elas: *ser-no-mundo*, *ser-em* e *ser-com*, que compõem o *Dasein*, havendo uma descrição desses existenciais. Consequentemente, a busca de Heidegger é possibilitar aos leitores uma maneira diferente de pensar, em que não haverá respostas prontas, mas sim questionamentos e o manifestar existencial do *ser*, nos levando a uma autenticidade argumentativa, que se caracteriza pela transformação da ontologia. Isto é explicitado de maneira muito clara na obra ST (2012, p. 133), quando Heidegger expõe sua pretensão argumentativa com a obra. A primeira afirmação é de que busca uma *elaboração da questão do ser* (2012, p.133) e que a obra, denominada de tratado, é dividida em duas partes.

A primeira tem o objetivo de estabelecer uma interpretação do *Dasein*, através da temporalidade, sendo o tempo o horizonte de transcendência. Essa parte é dividida por Heidegger em 3 seções denominadas da seguinte forma: *A análise fundamental e preparatória do Dasein; Dasein e Temporalidade; Tempo e Ser* (2012, p.133). Na segunda parte, estabelecerá a destruição da ontologia pelo fio condutor da temporalidade. É dividida em três partes, em que verifica que Kant cria através de seu esquematismo do tempo um degrau prévio para a problemática da realidade. A crítica a Descartes ao *cogito sum* e *res cogitans*. E a última parte a crítica a Aristóteles no que se refere às bases fenomênicas da *ontologia antiga*, isto é averiguado por Drucker¹⁰ no artigo: *Autodeterminação em Heidegger*, onde considera que o pensamento de Heidegger se enraíza na história do pensamento ocidental, e sua obra é um diálogo, que envolve tanto sua aceitação como sua recusa. Já Vattino, no livro *Introdução a Heidegger* (1998, p.7), entende que em ST, Heidegger dá uma importância à tradição filosófica e também à cultura não especializada. Traz como epígrafe uma passagem do Sofista de Platão (244^a),¹¹ em

¹⁰ BRITO, Adriano Naves de. **Ética**: questões de fundamentação. Brasília, DF: Ed da UnB, 2007.

¹¹ A argumentação de Platão, que Heidegger se refere em ST acerca do ser é a seguinte:

Teeteto

- O que dizes é verdade.

Estrangeiro

- Seria, pois ao par que pretendes chamar de ser?

- Teeteto

- É possível

Estrangeiro

que afirma que a aparente evidência da palavra *ente* está muito longe de significar algo claro, que não necessita de indagação.

Finalmente, Gabriela Arnhold e Maria Fátima de Almeida, na resenha crítica, *Seminários de Zoellikos*, argumentam que em ST existem alguns objetivos, que podem ser identificados, sendo eles os seguintes: crítica à ciência moderna e à Metafísica, análise hermenêutica ontológica, do modo de *ser-no-mundo* do *Dasein* em uma perspectiva pré-científica e exterior à ciência. Crítica à ontologia de Descartes e do conceito de existência, na qual está a relação de convivência. Averiguação de que o cuidado possui um sentido existencial, isto é ontológico, onde a analítica do *Dasein* pergunta pela sua constituição ontológica, buscando uma compreensão do ser e a constituição do *Dasein*.

Acrescentando ainda um último aspecto, tem-se no artigo de Masbach (1999), “Heidegger’s Critique of Cartesianism¹²,” uma crítica ao cartesianismo proposto por Descartes. Essa crítica é determinada, segundo a perspectiva de que o ser humano é visto como um sujeito em uma existência em que não há o questionamento, não o considerando subjetivista e não questionável no nível da existência.

Dentro desse contexto geral, pode-se concluir que a preocupação fundamental de Heidegger é o problema do *ser*, que foi visto e pensado pela tradição filosófica a partir de um ente e não como algo que está em constante desvelamento. Suas críticas iniciam na verificação de que o ser para Platão são as *ideias* e para Aristóteles são as *substâncias*. Para Heidegger esta filosofia chama-se Metafísica, ou seja, responde ao *ser* através de um ente e não considera que *ser* não é ente e que a maneira de ser de cada época depende da relação dos seres humanos com o *ser*. Estabeleceu a diferenciação dos seres humanos dos demais seres utilizando a expressão *Dasein*¹³, que se refere aos seres humanos que estão

- Mas, então amigos responderíamos, ainda nesse caso se afirmaria muito claramente que dois é um”

Teeteto

- Tua réplica é perfeitamente justa.

Platão. **Diálogos**. 1. ed. São Paulo: 1972. Ed.Abril Cultural p.171.

¹² Disponível em: <http://www.bu.edu/wcp/Papers/Cont/ContMans.htm>, a citação expressa no artigo *Heidegger’s Critique of Cartesianism*; *As Heidegger sees it, the subjectivistic view was adopted by the most prominent figures in modern philosophy and, in fact, formed the axis of the modern philosophic tradition.*

¹³ A expressão *Dasein* é elucidada no final desse trabalho dissertativo, no glossário de expressões de Heidegger utilizadas na dissertação.

jogados na existência. Diante dessa reflexão, percebe-se que a essência dos seres humanos é construída na existência, ou seja, existe uma interação constante dos seres humanos e mundo havendo um compartilhamento perene uns com os outros em esferas existenciais, sendo o *cuidado* um fenômeno existencial que pertence a construção do ser, que será tratado detalhadamente no Capítulo 3 deste trabalho.

2.2.3 A OBRA CARTA SOBRE O HUMANISMO: O Desvelar Reflexivo

A obra CH, foi publicada em 1946 na Suíça, pela Editora Francke, muitos anos após *ST*. Em termos de historicidade, foi produzida após o fim da Segunda Guerra Mundial, época em que o pensador tinha se envolvido com o Partido Nazista, que, em seu país, era o sistema político dominante da época e que, em decorrência disso foi severamente criticado por vários pensadores pelo aspecto anti-humanista presente em suas atitudes. Entre essas críticas está uma carta escrita por Jean Beaufrey, que fez uma série de perguntas a Heidegger, que envolvem a temática humanismo. Com o objetivo de responder a esses questionamentos e às críticas, Heidegger escreveu a obra CH (1946).

Leão na introdução da obra *Sobre o Humanismo* (2009; p 9-10) também intitulada de *Carta sobre o humanismo* por outras editoras, caracteriza a obra na seguinte perspectiva: possibilidades de humanização, libertação do homem para a busca de sua própria humanidade e que cada humanismo é uma interpretação do ser do homem, verifica que na temática proposta por Heidegger existe uma dimensão do pensamento, que denomina *pensamento essencial*. Inicia afirmando que, na obra há uma recondução à historicidade do humanismo, ou seja, uma verificação de suas raízes históricas, em que Heidegger redimensiona a questão e estabelece, em suas argumentações, que existe a necessidade do questionamento à crítica de seus fundamentos, provocando nos seres humanos as vicissitudes históricas da verdade do ser. Nessa perspectiva de busca, seu objetivo primordial é a essência dos seres humanos na existência.

Heidegger, ao iniciar suas reflexões na obra CH (2005), entende que a estrutura de sua obra aponta para o fundo do fenômeno humano, ou seja, é uma tentativa de abrir as *portas do ser*. A maneira como isso se desvela é explicitado pelo pensador nestes termos: *no pensar o ser tem acesso à linguagem. Linguagem é a casa do ser* (CH, 2005, p. 7). Para Heidegger pensar significa, *pensar do ser, na medida em que o pensar, pertencendo ao ser, escuta o ser* (CH, 2005, p. 12), *o ser é aquilo que o pensar é. O ser encarregou-se dócil ao destino e por ele dispensado da essência do pensar* (CH, 2005, p.12). Considera que os pensadores e poetas são os guardas dessa habitação. Apesar de considerar que na medida em que o pensar, pertencendo ao *ser*, escuta o *ser*, que os pensadores exercem uma função primordial no ato de pensar e nas ações referentes ao mundo. Verifica que a metafísica utiliza as palavras *sujeito* e *objeto*, de maneira errônea herdadas da lógica e da gramática, Heidegger expressa que é necessário [...] *afastar o pensar dos grilhões da gramática* (CH, 2005, p.9). Ele percebe que o domínio dessas expressões não é causal, porque são herdadas da ditadura da opinião pública. A justificativa está no fato de que a história do *ser* sustenta e determina cada condição e situação da humanidade. Verifica-se a argumentação crítica do pensador quando expressa o que acontece com a palavra *humanismo*. [...] *a muito se desconfia dos "ismos", mas o mercado da opinião publica exige constantemente novos. O mesmo acontece com as palavras Lógica, Ética e Física* (CH, 2005. p. 11). Ele comprova que isso não é necessário, pois verificou que os gregos pensavam sem tais títulos.

Diante das argumentações de Heidegger na obra CH, percebe-se sua crítica a toda tradição, acerca do significado de *humanismo*, pois constatou que todas as interpretações estão presas a contextos históricos definidos e a conteúdos pré-estabelecidos referentes à essência dos seres humanos. Na sua visão, em todas as esferas da vida, o pensamento técnico domina o homem historicamente, pois o conhecimento que surgiu após Platão e Aristóteles é dividido em áreas do conhecimento, baseado em categorias. Considerando essa característica marcante da tradição filosófica, na visão do pensador, a filosofia irá se transformar em uma técnica de explicações pelas causas, tentando uma sobrepujar a outra.

Ainda nas entrelinhas das obras, existe uma intencionalidade ética, que movimenta sua reflexão. Heidegger busca na significação originária do *ethos*

(morada dos seres humanos) uma interpretação de seu modo de *ser-no-mundo*. Com essa, ele não se prende a uma ética objetivada, mas a uma que questiona as experiências éticas vivenciadas pelos seres humanos, enquanto *ser-no-mundo*, que constantemente se distrai com *entes*, esquecendo-se de refletir sobre a essência do seu agir.

Convém salientar um aspecto que pode ser objeto de crítica relativamente à nossa escolha de utilizar duas obras, ST e CH, que são obras pertencentes a fases metodológicas argumentativas diferenciadas do pensador, conhecidas em artigos e livros pelo conceito Heidegger I e II. Percebe-se que, no Heidegger I há predominância, no início da obra ST, de estabelecer conceitos, que são vistos na perspectiva da analítica existencial. No desenvolvimento da obra, percebe-se que o método fenomenológico vai se intensificando apoiado na hermenêutica e na ontologia. No Heidegger II há uma intensificação, em verificar em um nível ontológico, que o ser se torna *história do ser*.

Ao instaurar esse processo de desmistificação das posições tradicionais e de uns traços gerais de Heidegger, mostra-se que existem elos reflexivos que permitem pensar que em ST houve reflexões que nos possibilitam a compreensão no âmbito do *ser* dos humanos, os motivos, que sugestionam o *modo de ser dos humanos, que se expressam através da finitude*, da ontologia hermenêutica e da fenomenologia e que permitem uma base diferenciada para a ética.

A Justificativa da caracterização de ambas as obras, ST e CH foram estabelecidas para um melhor entendimento reflexivo da temática, que esta autora se propôs a desvelar em que há a constatação de que, dentro dessa temática, mais abrangente, há enfoques argumentativos do *cuidado* e a *ética* no decorrer das argumentações.

2.3 AS ÉTICAS TRADICIONAIS INOVAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES PROPORCIONADAS PELO CUIDADO PROPOSTO POR HEIDEGGER

A presente argumentação, parte do pressuposto de se estabelecer o que diferencia reflexões éticas tradicionais,¹⁴ de reflexões suscitadas por Heidegger, em sua busca de um desvelar do *ser*, em que o cuidado é visto na perspectiva do *ser do Dasein*. Para se conseguir alcançar o objetivo proposto, esta argumentação resgatará algumas teorias de éticas tradicionais, expressas pelos seus autores e respectivas obras, entre elas: Aristóteles: *Ética a Nicômacos*, Kant: *Fundamentação da metafísica dos costumes* e Bentham: *Princípios da moral e legislação*. Diante dessa proposta argumentativa, pretende-se verificar que a proposta de Heidegger sobre o cuidado pode contribuir para o campo da ética.

*Aristóteles*¹⁵ é considerado por muitos pensadores, um dos precursores da temática ética. Sua obra mais conhecida no Ocidente (referente a estudos de ética) é intitulada *Ética a Nicômacos*, que é composta de dez livros. Nela a reflexões Eudaimonista (a felicidade e o objetivo da vida) e teleológico (busca de um fim). Reflete e investiga um tipo de saber que se pode obter acerca da conduta, levando em conta a situação concreta dos seres humanos, mas que não pode ser definido

¹⁴ Neste contexto interpretativo, reflexões de éticas tradicionais são aquelas em que através das argumentações estabelecem preliminarmente seus objetivos reflexivos.

¹⁵ Aristóteles (384 - 322 a. C), Nasceu em Estágira, Colônia de origem Jônica, no reino da Macedônia. Aos 17 anos foi para a Academia de Platão, onde permaneceu por 20 anos, sendo primeiramente seu discípulo e depois, em decorrência das divergências na maneira de pensar, torna-se professor e estabelece seus próprios métodos interpretativos no âmbito do pensamento filosófico. Suas argumentações filosóficas baseiam-se na observação da natureza, da sociedade e dos indivíduos. No âmbito da ciência isso significa uma interdisciplinaridade, com obras na física, biologia, política. Suas principais obras e os respectivos temas são os seguintes: Obras de Lógica ou Organon: incluem Categorias, Sobre a Interpretação, os Analíticos (Primeiros e Segundos) e os Tópicos. Obras sobre física e a concepção do universo: compreendem Física, Sobre o Céu, Sobre a Geração e a Corrupção e Meteorológicos. Obras psicológicas e biológicas: abrangem Sobre a Alma, além de pequenos textos reunidos sob o título de Parva Naturalia e História dos Animais (com partes de autoria duvidosa). Tratados de metafísica: Andronico denominou Metafísica (literalmente, *depois da física*) a essas partes dos apontamentos de Aristóteles. Obras ético-políticas: compreendem a Ética a Eudemo (organizados por Eudemo, discípulo de Aristóteles), a Ética a Nicômaco (organizada por Nicômaco, filho de Aristóteles), a Grande Moral (de autoria duvidosa), a Política e a Constituição de Atenas. Obras sobre a linguagem e a estética: incluem a Retórica e Poética.

apenas em um contexto racional. Diante dessa conclusão, o conceito de *virtude*¹⁶ é um dos focos principais de sua argumentação.

Segundo, Olinto Pegoraro (2008, p.41), as teorias propostas na *Ética a Nicômacos* estão estabelecidas em quatro eixos principais: *A ética é natural* - emerge da estrutura biológica do ser humano; *A ética é racional* seu objetivo é harmonizar os impulsos biológicos, instintivos e sensitivos sob a orientação da razão; *A heteronomia da ética* - neste eixo interpretativo, a ética vem de fora, vem da natureza, sendo o ser humano o único ser capaz na natureza de escolher entre o *bem* e o *mal*; *A ética é finalista* - todas as escolhas e decisões humanas visam alcançar um fim.

Apesar das várias vertentes interpretativas, percebe-se um núcleo fixo de reflexão: temáticas que envolvam a ética.

Kant, considerando sua obra: *a Fundamentação da metafísica dos costumes começa* salientando no *Prefácio* divisões referentes ao conhecimento. Diante dessa divisão, segundo Kant, a função da ética é estudar as leis referentes à *liberdade*.¹⁷ Considera que a ética é uma subdivisão da metafísica, tendo como objeto de estudo a moral. Para ele a *Ética* tem o objetivo de fixar um princípio supremo da moralidade, sendo essa indispensável e necessária, pois investiga a fonte dos princípios práticos, que residem *a priori* em nossa razão, a justificativa se fortalece em decorrência da seguinte verificação: [...] *além de que os próprios costumes ficam sujeitos a toda a sorte de perversão, enquanto-lhes faltar aquele fio condutor e norma suprema de seu próprio julgamento* (1974, p. 199).

As argumentações de Kant são estabelecidas em um contexto, que foi denominado historicamente de *período das luzes*, onde houve um grande progresso intelectual, referentes aos conhecimentos científicos e culturais, guiados primordialmente pela razão. Kant representa, historicamente, o responsável pelo *giro*

¹⁶ No trabalho dissertativo desenvolvido por Silva, *A ética das virtudes em Aristóteles* (2008, p.25), considera primeiramente ser necessário para se entender o que é virtude uma divisão conceitual entre virtudes morais e intelectuais. As principais virtudes morais são: a prudência, justiça, temperança e a fortaleza. As virtudes morais se referem à alma e as intelectuais, à parte referente à racionalidade que se estabelece no âmbito do conhecimento das realidades universais e necessárias. As virtudes intelectuais se dividem em duas: a primeira se refere ao mundo prático *techne* e a segunda *phronesis*, ou prudência. A prudência é a virtude da razão que condiciona a melhor forma de agir tendo como alvo o bem.

¹⁷ Liberdade, nesse contexto significa o poder do ser humano de legislar para si.

copernicano, que finaliza o período medieval, transformando reflexões filosóficas em argumentações racionais e lógicas, que envolve a lei e a moralidade.

Conseqüentemente, Kant rompe com o papel da historicidade referente à ética e opera uma reflexão referente à razão humana dos pontos de vista teórico e prático. Nesse norte é preciso saber a distinção que estabeleceu entre o *mundo sensível* e *mundo inteligível*. Segundo Pegoraro (2008, p.102), o mundo sensível é o mundo das coisas naturais, dos fenômenos da experiência e da sensibilidade humana; é regido pelas leis físicas e biológicas e para ele, isso significa um mundo destituído de liberdade. Já o mundo inteligível é regido pela razão e se determina independentemente das causas empíricas, ou seja, os seres humanos podem pela sua consciência reflexiva buscar a liberdade tendo como base nas tomadas de decisões a causalidade das leis morais. As leis morais para Kant têm como base o que ele chamou de “imperativos”.

Segundo o *Dicionário Kant* de Howard (2000, p. 191) *imperativo* é uma proposição, que significa uma possível ação¹⁸ livre, por meio do qual se concretiza um determinado fim. Considera que tais enunciados baseiam-se numa espécie de necessidade, “dever-ser”, ou seja, é uma lei objetiva da razão somada a uma vontade, que não é necessariamente determinada por essa lei, em vista de sua constituição objetiva. Nesse âmbito interpretativo, a expressão *imperativo* denota uma espécie de ordenação de ações. A característica básica dessa ação é ser necessária por si mesma. Em termos de característica, o imperativo é formal e isso significa que, seu conteúdo não está interessado em realizar um fim particular, não se relaciona com a matéria da ação, mas com a forma é o princípio de que ela mesma deriva.

Para Kant os imperativos se manifestam de variadas formas; entretanto estabelece dois tipos: *hipotéticos* e *categóricos*. O imperativo *hipotético* recomenda um curso de ação apropriado a certo fim, seriam *conselhos de prudência*. Já o imperativo categórico declara que uma ação é intrínseca e objetivamente necessária. Em a *Fundamentação da metafísica dos costumes* refere que o princípio supremo da ação humana, em um âmbito de moralidade, deve ser a *boa vontade*. Em suas incursões reflexivas, percebeu que a *boa vontade* é a fonte

absoluta do ato moral. Também percebeu que a boa vontade é uma vontade pura, ou seja, é uma vontade desinteressada. Para Kant a moral define o que se deve fazer o que deve acontecer, demonstrando, no decorrer da obra, que isso é possível a partir de leis universais com as do conhecimento científico. Diante dessa afirmação, para Kant, o legislador supremo da moralidade é a razão humana.

Diante desse panorama reflexivo acerca da obra kantiana, *Fundamentação da metafísica dos costumes*, se percebe que a crítica feita por Heidegger ao sistema filosófico proposto por Kant tem como base o fato de que para Kant a razão é o princípio gerador das ações humanas e Heidegger verifica que na existência o manifestar do *cuidado* estabelece diferenças nesse monismo apresentado por Kant. Também assinala que o tempo é visto por Kant em uma perspectiva de espaço, Heidegger defenderá que o tempo é algo interno ao *Dasein* em que passado, presente e futuro interagem, e que o *cuidado* exercerá um papel fundamental nas decisões do *Dasein*, pois molda o indivíduo, por meio da afetividade ou descuido que marca decisivamente suas ações. Heidegger também critica o imperativo categórico proposto por Kant, em que estabelece uma guia de como agir para as ações humanas. Considerando uma análise comparativa com o *cuidado*, se percebe não haver muitas vezes vínculos de afetividade com o *Dasein*, dessa forma, nem todos absorveram a máxima do agir, o mesmo acontecendo com os 10 mandamentos.

Na Inglaterra, no século XVIII, surgiu um movimento filosófico conhecido por *Utilitarismo*¹⁹ ou *Corrente Utilitarista*, criado por Jeremy Bentham, que deriva do termo *Utilitarianism*. Esse movimento também ficou conhecido na história da filosofia pelo conceito *radicalismo filosófico*, pois as ideias, apresentadas por Bentham eram contrárias às leis vigentes na Inglaterra aquele período. O principal objetivo desse movimento foi apresentar à sociedade da época uma moral, que estava longe de proporcionar um prazer individual, mas buscava uma concepção filosófica que compreendia o princípio de *utilidade* como sendo sinônimo de *felicidade*. Na seguinte passagem de seu livro, *Uma Introdução aos princípios da moral e da*

¹⁹ Considerando-se as influências filosóficas que contribuíram para o surgimento do *Utilitarismo* é importante destacar Hume (1711- 1776) e sua obra *Tratado da natureza humana*, cujo título original é *Treatise of human nature: method of reasoning into moral subjects*, que tem como principal objetivo introduzir o método experimental de raciocínio em assuntos morais. A filosofia de David Hume representa a culminação do empirismo inglês. (COSPLESTOM, 2000, p19).

legislação: O princípio que estabelece a maior felicidade de todos aqueles cujo interesse está em jogo, como sendo a justa e adequada finalidade. (BENTHAM, 1979, p. 4). Ao se criarem elos interpretativos com as teorizações propostas por Heidegger acerca do *ser*, que está inerente o fato de que cuidado é *O Ser do Dasein*, se compreende que, estabelecer um princípio até pode ser absorvido pelo *ser do Dasein*, mas a base da absorção estará no cuidado vivenciado pelo *ser do Dasein* na sua existência.

Entretanto, apesar das críticas feitas por Heidegger em relação às teorizações de Aristóteles²⁰ e Kant, não se pode negar a profunda influência das teorias desses pensadores em suas reflexões. O problema é que Kant, em suas teorizações, existe a união entre intuição sensível e categorias *a priori* do entendimento, mas isso não consegue mover, a liberdade do humano perante a vida, pois sua constituição é mais complexa, sendo intuitivo, sensível, existindo no seu eu o tempo (presente, passado e futuro interagindo), o inteligível e o *ser*. Nessa perspectiva interpretativa Colomer, em: *El pensamiento alemán de Kant a Heidegger*. (1995, p. 500) considera que a diferença entre Aristóteles, Kant e Heidegger, referente a determinações ontológicas, se funda no fato de que em Aristóteles são chamadas de *categoría*, em Kant *categorías do entendimento humano*, em Heidegger de *existenciais*. As categorias ou existenciais são possibilidades e características do *ser*.

Levando em conta essas teorizações éticas existe uma característica em comum que as igualam em um patamar reflexivo e filosófico: as obras possuem uma argumentação que tem caracterizações muito claras no âmbito reflexivo da ética; com isso se percebe que sua pretensão é expor sobre a ética em determinados contextos reflexivos. Considerando-se as reflexões fundamentadas por Heidegger, em suas obras *ST* e *CH*, isso não ocorre, pois como se escreveu seus objetivos primordiais são distintos, não havendo um enfoque específico a *ser* dado a ética. Entretanto, quando Heidegger pensou em desvendar o *ser*, em que a existência é vista na perspectiva da finitude, mudou o modo metodológico de abordar questões que envolvem a ética, pois essa será averiguada nas entrelinhas de sua teorização.

²⁰ INWOOD, M., no livro **Heidegger** (2004, p. 28) afirma que Heidegger se contrapõe a Aristóteles em vários aspectos, entre eles: apesar de suas teorizações apresentarem várias categorias presume que todas se originam de uma só substância.

3 CUIDADO EM HEIDEGGER



Por ser e estar-no-mundo essencialmente cuidado, nas precedentes análises tem sido possível conceber como ocupação (Bersorgen), em estar em meio do ente e como solícitude (Fürsorge) o estar com outros, enquanto coexistência que comparece no mundo. O ser em meio de, é ocupação, porque como modo de estar em queda é determinado pela estrutura fundamental deste último, é decidido pelo cuidado. (SYT: 2005, p. 214).

Toda coragem do coração é a ressonância do apelo do ser, que reúne nosso pensar no jogo do mundo. HEIDEGGER. M. (1969, p. 41)

No capítulo anterior constatou-se, através de estudos contemporâneos, a possibilidade de encontrarmos, nas entrelinhas, das reflexões de Heidegger acerca do ser, *horizontes éticos*. Com isso, nossa pretensão foi compreender e constatar alguns desdobramentos reflexivos decorrentes da filosofia de Heidegger, incluindo, também, um contexto ético. Assim, no decorrer do que já foi escrito, o objetivo primordial de Heidegger se mantém: responder à pergunta filosófica sobre o ser, através do *Dasein* e de seus fenômenos existenciais. Entre esses fenômenos existenciais, o *cuidado* merece destaque, no decorrer de suas reflexões em ST, pois, segundo o pensador, por meio do cuidado, há uma conexão entre todas as estruturas que envolvem a existência, cuja o sentido será compreendido através da temporalidade. A temporalidade é para Heidegger o que possibilita o fundamento ontológico da existência, no tempo. Dessa forma, o cuidado conta com o tempo no *Dasein* no processo de transcendência. É preciso salientar que em Heidegger a noção de tempo ligada à de espaço, estabelecida pela tradição, é alvo de críticas profundas e, ele propõe uma nova reflexão sobre o tempo,²¹ pois afirma que o tempo é existencial e kairológico²², e não cronologicamente compreendido, o tempo se refere à finitude do *Dasein*. Isso possui suas manifestações sob formas diferenciadas de passado, presente e futuro, e conseqüentemente, o cuidado é um aspecto fenomênico essencial pertencente à temporalidade.

Antes de iniciarmos nossa reflexão de maneira mais profunda, acerca do cuidado, na perspectiva proposta por Heidegger, faz-se uma observação necessária e relativa ao significado para o português. Verifica-se através de estudos em materiais diversos acerca da temática, que *cuidado* é uma palavra que possui sua origem no latim, derivado da palavra *Coera*, significando, amplamente, atitudes dos seres humanos de preocupação, desvelo e, participação, disponibilidade,

²¹ A reflexão acerca do significado do tempo, encontra-se no glossário, de expressões de Heidegger, em anexo a este trabalho dissertativo.

²² Dastur, no livro: *Heidegger e a questão do tempo* (1997, p. 32), caracteriza o tempo Kairológico como sendo a união da vida na sua facticidade e sua relação com o tempo e que é uma relação de realização.

responsabilidade e sentimento de zelo e simultaneamente, distração para com os seres humanos e consigo mesmo. Não conseguimos ser cuidadosos o tempo inteiro, ou seja, em determinadas situações a *preocupação* e a *ocupação* predominam, e a relação com o outro e as coisas não se estabelece completamente.

Quando se encontra a manifestação de sentimentos de zelo, no existencial, na sociedade contemporânea, percebe-se que esta se caracteriza paradigmaticamente pela competição e pela busca do ter, que, automaticamente, ocasiona a intensificação da distração e da negligência para com o *outro*, pois as coisas são, muitas vezes, mais importantes que os seres humanos. Isso acontece, porque existe uma predominância no social da produção de mais coisas e mais coisas. O resultado desse paradigma social é a intensificação de uma mera visão de causa e efeito, restringida ao presente e aos próprios interesses. De forma concreta, pode-se dizer que um exemplo dessa situação limitada, diante das possibilidades do *cuidado*, foi tragédia ocorrida em Santa Maria, na Boate Kiss. Esta se caracterizou pela falta de cuidado, mesmo assumindo isso, em um manifestar *ôntico*,²³ “O si mesmo” do *Dasein* instrumentalizou-se e a relação com os seres humanos que estavam naquele ambiente.

Um aspecto interessante verificado pelos peritos foi à esponja que revestia a boate, que, em contato com o fogo, exalava uma substância tóxica, que foi comparada à existente na 2ª Guerra Mundial e nos campos de concentração nazistas. A partir de vários aspectos descobertos através da tragédia (estrutura, materiais, auxílio, etc.), pode-se perguntar onde estariam direcionadas as preocupações existenciais nessa redução do manifestar do cuidado?

Muitas são as inovações proporcionadas por Heidegger, em vários aspectos da filosofia. Entre essas inovações, a noção de *cuidado* como *O ser do Dasein*, lançado no mundo e com várias possibilidades. Diante dessa constatação, pode-se explorar uma resposta à indagação feita anteriormente. Para se chegar a esse objetivo, vai-se seguir os caminhos argumentativos, expostos pelo pensador em sua obra ST, em que estabelece reflexões do manifestar do *cuidado* na existência, o considerando preliminarmente um *fenômeno unitário fundamental* e uma *disposição*

²³ Interpretaremos o significado desta expressão no próximo item do presente trabalho.

afetiva da existência, e que seu manifestar ontológico possibilita *ser-no-mundo*, onde, então, há uma relação de ser-com, ou seja, um *Dasein* com outro *Dasein*.

3.1 O CUIDADO NO EXISTENCIAL: O MANIFESTAR ÔNTICO E ONTOLOGICO

Heidegger estabelece em SYT, no Capítulo 6 que o cuidado²⁴ designa ontologicamente, a ligação de todos os existenciais no *Dasein*; é uma estrutura *ôntica e ontológica apriorística*, sendo possível sua demonstração na cotidianidade, em que se manifesta de diferentes formas. Essa demonstrabilidade é percebida por Inwood, M., na obra, *Dicionário de Heidegger* (2002, p. 26) da seguinte forma: o *cuidado* é estabelecido através de três palavras cognatas: *Sorge* (cura, cuidado). O verbo *Sorgen* (cuidar), que se ramifica em *Sich Sorgen* (preocupar-se), *Sorgen Für* (cuidar de) *Bersorgen* possui três significações: obter, tomar conta de algo e *Bersorget*, que significa ocupar-se de, *Fürsorge* que é cuidar de alguém que precisa de ajuda. Inwood prossegue suas reflexões, no texto “*Heidegger e a sua Linguagem*” (2002; p.XVII), verificando que, a palavra cuidado, em Heidegger, possui uma variedade de sentidos, sendo contrastada com adjetivos, por exemplo: despreocupado, cuidadoso, negligente e isso significa, que uma pessoa pode ser ansiosa e despreocupada simultaneamente. As expressões do manifestar do cuidado como existencial são encontradas de forma mais enxuta no livro: *Heidegger* (2004, p. 110), em que a estrutura do cuidado é da seguinte forma: O *Dasein adiante de si mesmo*, envolve o futuro, e isso implica a própria morte. *Ser -(sendo)-já-em*, envolve o passado, a facticidade. Isso pode ser um acontecimento perturbador para o *Dasein*, que ocasiona a ansiedade. *Adiante-de-si*, o presente e o futuro, existenciais.

²⁴ Na dissertação desenvolvida por Roberto Saraiva Mertens intitulado *Análise Estrutural do Cuidado na Analítica existencial em Martin Heidegger* a o percebimento que o cuidado é um elemento integrante do *Dasein*, que constitui o objeto sobre o qual se debruça o pensamento de Heidegger. Estabelece sua reflexão no sentido de ater o cuidado ao ente que o integra.

Por outro lado, na perspectiva de Colomer, no livro *El pensamiento alemán de Kant a Heidegger III* (1996, p. 523), constata-se que o cuidado no existencial é uma relação que o *Dasein* estabelece consigo mesmo em sua condição fundamental de *ser-no-mundo*, Heidegger estabelece em ST uma estrutura que engloba a totalidade existencial do *Dasein*, orientando-se por caracteres ontológicos denominados *existencialidade*, *facticidade* e o *estar-decaído*. Para Heidegger esses *caracteres ontológicos* caracterizam o ser para o fim. No tocante a sua possibilidade ontológica, o morrer funda-se no cuidado, é a essência do *Dasein*, é que: através do fenômeno do cuidado, é possível a averiguação de uma análise completa da existência e de suas ligações com a *facticidade* e a *decadência*.

A única certeza, que guia o *Dasein* na existência é a morte; entretanto, esse acontecer não tem hora marcada, e o *Dasein* no decorrer de sua existência, prefere esquecer esse fato, mas não pode evitar a constatação de que, é um *ser-para-a-morte* e que necessita do cuidado no existencial. Ademais Kahlmeyer,²⁵ M. no artigo, “Da pergunta de uma ética própria ao pensamento de Heidegger”, verifica que no mundo, o *Dasein*, como *ser-no-mundo* está inserido em um contexto de fato, essa é uma caracterização do que seja, *facticidade*; o *Dasein* está nessa estrutura, independentemente do seu querer; está jogado em um mundo de ocupações, pois prefere esquecer que é um *ser-para-a-morte*. Já Dreyífus, no Livro, *Being-in-the-word* (1991, p. 238), no Capítulo intitulado, “The Care-Structure” interpreta que, em ST o cuidado é uma totalidade estrutural primordial, está em cada atitude fática do *Dasein*, é existencialmente *a priori*, é um fenômeno em que não há primazia da atitude prática perante a teórica. Na visão de Dreyífus o cuidado deve ser tomado como um conceito estrutural ontológico que não se limita há uma visão de preocupação simplesmente pragmática.

Diante dos posicionamentos interpretativos, do entendimento do que seja *cuidado*, percebe-se que é uma palavra bastante complexa que indica cada um dos existenciais, sendo eles: *facticidade*, *existencialidade* e *decadência*, e que toda a estrutura desses existenciais possibilita abertura do *Dasein*, agindo sempre e conjuntamente.

²⁵ Disponível em www.conciencia.org/etica-heidegger Roberto.

Constatamos que Heidegger inicia a titulação do Capítulo 6 de ST (2005, p. 203) afirmando no título: “O cuidado como ser do Dasein” e que todos existenciais estão ligados através do cuidado, que ele é transcendental e sendo desta forma possibilita, sob um modo de ser, o surgimento da *teoria* e da *prática*. Essas argumentações surgem a partir do seguinte questionamento: de que forma o cuidado se desvela no existencial, no manifestar *ôntico* e no *ontológico*? Na busca de uma elucidação partiu-se da reflexão proporcionada por Inwood, no texto “Heidegger e sua Linguagem” (2002, p.XVII), em que exemplifica o cuidado no manifestar *ontológico*, verificando que, *todos cuidam*, ou seja, *todos os seres humanos estão á frente de si mesmos antecipados*. Já num patamar *ôntico*, pode-se ser, certas vezes, descuidados, despreocupados e negligentes.

Heidegger na obra ST (2012, p. 63) ao considerar o *Dasein* diante de outros, verifica que, na perspectiva *ôntica*; *esse ente é determinado em seu ser na existência*; já na perspectiva *ontológica*, *é algo que vai além da sua própria existência*. Com as reflexões do manifestar do cuidado no existencial, percebe-se que seu manifestar *ôntico* é estabelecido em situações particulares; já em uma perspectiva *ontológica*, abarca todos os entes e vai além da existência do *Dasein*. Para explicitar o manifestar do *cuidado* Heidegger, inicia o § 39 de SYT, afirmando que existe a necessidade da busca de uma totalidade, que estabeleça o todo estrutural do *Dasein*, verificada já na titulação: *A Pergunta pela Totalidade Originária do Todo Estrutural do Dasein*. Com isso, há o percebimento de que Heidegger quer encontrar um fenômeno existencial, que abarque uma caracterização *ontológica* acerca do *Dasein*. Para encontrar esse fenômeno existencial, faz as seguintes argumentações, estabelecidas pelas comprovações, sendo elas as seguintes: *que ser-no-mundo é uma estrutura total e originária e constantemente total*.

Entretanto, Heidegger verifica que, existe uma variedade, na constituição deste todo estrutural e de seu modo de ser cotidiano. Então, o pensador deriva outra indagação: Como se pode determinar de um ponto de vista *ontológico-existencial* a totalidade da estrutura do *Dasein*?

Para responder às indagações, Heidegger parte da seguinte constatação existencial: *o Dasein existe faticamente* (SYT, 2005, p. 203) e possui uma *disposição afetiva*, que essencialmente lhe pertence, ou seja, um modo de ser em que tem a

capacidade de elevar-se a si mesmo em sua condição de estar jogado no mundo; com isso, o pensador quer dizer que *ser-no-mundo* indica uma constante decadência, e isso está além da sua vontade. Nessa perspectiva, há uma ligação entre *facticidade*, *existencialidade* e *decadência*. A decadência é o declínio e a deteriorização ocasionada pelos hábitos. Diante disso, o ser humano necessita *coestar* com os outros para poder ter o percebimento de seu ser mais próprio. A busca do pensador é achar um fenômeno unitário, que possibilite demonstrar, de maneira ontológica o que ocasiona a *abertura*²⁶, ou seja, o *coestar* com os outros.

A verificação feita por Heidegger do acontecer da *abertura*, em que o *Dasein* se eleva a si mesmo, desencadeia o fenômeno da angústia, que satisfaz, segundo o pensador, as exigências metodológicas em um nível ontológico. Heidegger considera que a angústia é uma disposição afetiva fundamental e consegue caracterizar o fato de o *Dasein* estar aberto e inerente ao fenômeno da decaída. Considera, também, que a angústia apresenta o fundamento fenomênico para a capacitação explícita da totalidade original do ser do *Dasein*, que se revelará pelo cuidado. Nesse panorama reflexivo, Oliveira no artigo, “O Cuidado (sorge) para Heidegger e para Winnicott”, considera que a angústia revela o *ser acontecente*, desempenha um papel imprescindível para a compreensão do existir humano, que se confirma no cuidado.

Como já se viu Heidegger verifica que o *Dasein* está em *decaída* no mundo, que lhe ocasiona o medo e desencadeia a angústia. O pensador considera necessário diferenciar angústia de medo, pois ambos, muitas vezes são confundidos. Na angústia não existe um objeto específico que a cause. O que

²⁶ Ao consideramos a manifestação do *cuidado*, Almeida, na tese, *O Cuidado no Heidegger dos anos 20*, considera que, o ápice argumentativo está no Capítulo sexto da obra, em que o cuidado é estabelecido a partir da *existencialidade*, *facticidade* e *decadência*. Além dessa averiguação, Almeida argumenta que na obra existe a interpretação do cuidado na perspectiva da *abertura*, que se subdivide em, *disposição* e *tonalidade afetiva*, *compreensão* e *discurso* e o cuidado na *cotidianidade*, que se subdivide em *preocupação* e *ocupação*. Na visão de Almeida (2012, p.94) o entendimento do cuidado na obra ST está estritamente vinculado ao conceito de *abertura*, pois a *abertura* proporciona uma averiguação da totalidade estrutural, que desencadeia o fenômeno do cuidado. Ao explicitar o entendimento do que seja *abertura*; considera que essa é um existencial central para o entendimento da significação, do que seja *ser-no-mundo*. Também constata que o cuidado não existe sem *abertura*, enquanto provinda de uma unidade, proporciona a manifestação da totalidade estrutural. A explicitar o entendimento do que seja *abertura*, ele considera que essa é, também, uma forma de compreensão da condição de *ser-no-mundo*.

ocasiona o fato de o *Dasein* angustiar-se é estar-no-mundo. A angústia possibilita ao *Dasein* compreender-se a si mesmo em decorrência de sua decadência de estar-no-mundo. Com ela se expressa, em primeiro lugar, a peculiar indeterminação do nada em alguma parte. (HEIDEGGER, 2005, p. 211).²⁷

Heidegger ao expressar a manifestação da angústia, em SYT declara o seguinte:

A angústia pode surgir em situações mais diversas. Não necessita sequer da obscuridade que a une de originária, mas facilmente se desenvolve. Em uma forma especial na obscuridade não há “nada” que ver, se bem que o mundo segue, justamente estando o “presente” e incluso com maior insistência. (HEIDEGGER, 2005, P.211) ²⁸.

Diante da reflexão proporcionada por Heidegger, em que há a compreensão do surgimento da angústia no ser do *Dasein*, ele verifica também que se houver uma interpretação ontológica existencial do *Dasein* acerca das ameaças que o afeta, isso ocasionará uma *angústia fática*.²⁹ Considerando-se esse manifestar, a angústia torna-se um fenômeno originário, pois determina uma forma latente de *ser-no-mundo*. O fato latente de que o *Dasein* pode angustiar-se, que pode sentir medo, quando está no mundo das ocupações, possibilita reflexões que ocasionam a *abertura* da totalidade do mundo diante de sua decaída. No § 41 de ST, Heidegger afirma que o angustiar-se, enquanto é *disposição afetiva*, é uma maneira de o ente estar-no-mundo, pelo fato de estar jogado. Conseqüentemente, o fenômeno da angústia possibilita, em sua totalidade, demonstrar que o *Dasein* enquanto *ser-no-mundo* é faticamente existente, e que as características ontológicas fundamentais desse ente são: existencialidade, facticidade e decadência. Essas determinações existenciais são consideradas por Heidegger uma trama originária, que constitui o

²⁷ Na tradução em espanhol a citação foi escrita da seguinte forma: “Con ello se expresa, em primero lugar, la peculiar indeterminación del “nada y en ninguna parte” en que o Dasein, en um sentido. (2005, p.211).”

²⁸ Na tradução em espanhol, a citação foi expressa da seguinte forma: “La angustia puede surgir en las situaciones más modinas. No necesita siquiera da obscuridade en la que uno, de ordinário, más fácilmente se desazona. En una forma especial, en la oscuridad no hay “nada”que ver, si bien el mundo sigue, justamente, estando “presente” e incluso con mayor insistncia. (2005, p.211)”.

²⁹ Kierkegaard, S. (2007, p.50), no livro *O conceito de angústia*, verifica que o ser humano pode estar em um estado de calma e descanso, mas de repente pode ocorrer algo, que o coloca diante do nada. Esse nada estabelece para o pensador, o nascimento da angústia, conseqüentemente a angústia é a manifestação do espírito sonhador.

todo estrutural. As características mencionadas se manifestam no *Dasein* como se lê:

A totalidade existencial do todo estrutural ontológico do *Dasein*, deve conceber-se, pois formalmente, na seguinte estrutura: o ser do *Dasein* é um antecipar-se-a-si-estando-(no mundo) em-meio -de-(o ente que comparece dentro do mundo). Este ser contém uma significação do termo cuidado (*sorge*) (HEIDEGGER, 2005, P.214), grifos nossos)³⁰.

Com essa estrutura complexa, que pode ser denominada de “formula do cuidado”, Heidegger quer dizer o que significa *ser-no-mundo*. A estrutura *antecipar-se-a-si estando –(no mundo) em meio de (o ente que comparece dentro do mundo)*, significa também que o *Dasein* não está em um mundo simplesmente dado, repleto de objetos e com um sujeito. Nessa expressão, Heidegger pretende demonstrar o manifestar que, existir é fático, e que a existencialidade o define. Isso significa que o *Dasein* existe em um mundo de ocupações em que a decadência é inevitável, e que o *ser-com* antecipa-se a si mesmo em um mundo entre os entes. Isso faz com que o *Dasein* possa compreender ontologicamente o existir. Na perspectiva da necessidade do *cuidado* na existência, Heidegger, revela que esse se manifesta em todo fático comportamento e em toda situação do *Dasein*. Como o cuidado se desvela no ser do *Dasein*, Heidegger o descreve com precisão:

Por ser e estar-no-mundo essencialmente Cuidado, nas precedentes análises tem sido possível conceber como ocupação (*Bersorgem*) em estar em meio do ente e como solicitude (*Fürsorge*) o estar com outros, enquanto coexistência que comparece no mundo. O ser em meio de, é ocupação, porque como modo de estar em queda determinado pela estrutura fundamental deste último, é decidido pelo cuidado. (HEIDEGGER, 2005, p. 214 grifos nossos).

Heidegger considera que o cuidado não caracteriza, por exemplo, só a *existencialidade* separada da *facticidade* e da *decaída*, mas que abarca todas as determinações de ser. Consequentemente, o cuidado não pode ser visto em uma perspectiva de isolamento, sem a presença do *outro*. Isso ocorre, porque, na visão do pensador, o *cuidado* indica um *antecipar-se a si* que indica dois outros momentos

³⁰ “La totalidad existencial del todo estrutural ontológico del *Dasein* debe conceber-se, pues, formalmente, en la siguiente estrutura: el ser del *Dasein* es un anticiparse a-sí-estando-ya-em (el mundo) em-medio-de (el ente que comparece dentro del mundo). Este ser da contenido a la significación del término cuidado (*sorge*)”. (SYT, 2005, p. 214 grifos nossos).

estruturais: *O ser-em* e o *estar em meio de*. O *Dasein* tem liberdade de decisão, pode agir involuntariamente em relação às suas possibilidades. Para estruturar uma reflexão, em uma perspectiva de totalidade estrutural, Heidegger considera que o cuidado é *a priori* em todo fático comportamento do *Dasein*. Esse comportamento não exprime primazia do *teórico* sobre o *prático*, ou seja, teoria e prática são possibilidades de ser do *Dasein*. Com essa compreensão, segundo Heidegger, não se pode reduzir o cuidado a situações particulares, tais como *vontade*³¹ e *desejo*.³² O cuidado é anterior a esses fenômenos.

Heidegger entende que é importante salientar que o *cuidado* não pode ser limitado a um elemento *ôntico*. A definição do cuidado como *antecipar-se a si estando no mundo*, mostra com clareza que este fenômeno está articulado em si mesmo. Consequentemente, para o pensador, esse é o fenômeno mais original, que possibilita um caminho para a pergunta pelo sentido do ser.

3.2 A MANIFESTAÇÃO PRÉVIA DO CUIDADO POR MEIO DO MITO

Na busca de mais elementos sobre o cuidado existencial, tem-se que abordar a vinculação mitológica que Heidegger faz em ST, cuja argumentação é mostrada como segue: *Primeiro testemunho pré-Ontológico existencial do Dasein* encontrado em um mito romano, que será a fonte desta reflexão nas páginas que seguem.

Uma das possíveis interpretações do que seja *mito* é a de que ele estabelece uma relação dos seres humanos com a *natureza*, o *cosmos* unido à *psique*, aos sentimentos e a criação de seu conjunto. Em sua linguagem existe, a possibilidade de reflexões nos âmbitos analítico e hermenêutico do manifestar das experiências humanas em determinadas épocas aglutinadas às criações do mundo exterior, que são expressas via de metáforas e redes simbólicas.

³¹ *Vontade*: Loparic no livro, **Sobre a responsabilidade** p.46 constata que: *em ST a vontade é um fenômeno derivado do cuidado para com o próprio ser e não um existencial primário*.

³² *Desejo*: Heidegger dirá que, o mero desejo impede a visualização do *Dasein* das possibilidades fáticas. Considera que o desejo pressupõe ontologicamente o cuidado, ou seja, o fazer algo da inclinação é um desejar arrastar por aquilo que exige.

Cassirer, no livro intitulado *A filosofia das formas simbólicas*, faz os seguintes questionamentos acerca dos mitos:

Mas será o mundo do mito um tal *faktum*, de alguma maneira comparável ao mundo do conhecimento teórico ao mundo ou a consciência moral? Ou não pertenceria esse mundo, desde o início, ao domínio da aparência da qual a Filosofia, como doutrina da essência, deve distanciar-se dela de modo cada vez mais claro e nítido? (2001, V. 2, p. 1).

Considerando-se os questionamentos de Cassirer juntamente com suas reflexões expressas posteriormente na obra, a *Filosofia das Formas Simbólicas*, percebe-se que um dos principais intuitos de Cassirer é estabelecer uma reflexão filosófica, em que haja a constatação da importância dos mitos para a constituição do ser humano. Cassirer considera que este ilusionismo criado que desmerece a importância dos mitos, por algumas correntes filosóficas, encerra em si um grande problema e um grande perigo, pois o conjunto dessas formas simbólicas (mitos) constitui uma unidade sistemática, que possui uma rede de interconexões, ou seja, existem elos no âmbito da historicidade que se manifestam no presente que demonstram o que Cassirer afirma ser “uma unidade espiritual orgânica.” (2004, p.4). Cassirer cita alguns exemplos que comprovam a dimensão da importância dos mitos, que tem como base a interpretação de que na História não existe uma clara distinção lógica entre a compreensão histórica e os mitos, que estão estritamente ligados (2004, p.9). Neste contexto, se inclui todas as ciências do espírito, também cita a lógica e a ética, a estética, sempre em sua independência sistemática, se apoiaram contra tal forma de explicação e derivação, mas surgem influências míticas em suas teorizações. Quando se considera a linguagem está indissolúvelmente da origem do mito.

Mircea Eliade (2002, p. 11) define mito na seguinte perspectiva: “O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares”. Ao argumentar sobre a estrutura dos mitos (2002, p. 7), Eliade considera que, contrastando os eruditos ocidentais do século XIX com os do XX, percebe-se que os mitos são vistos pela maioria de seus predecessores como fábula, invenção, ficção; já os do século XX aceitam a concepção de que os mitos expressam uma história verdadeira por seu caráter exemplar e significativo. Eliade lembra que, na atualidade, a palavra *mito*

é empregada no sentido de *ficção*, ou *ilusão*, como na interpretação familiar de tradição sagrada, revelação primordial e modelo exemplar. Ela percebe que, no decorrer dos saberes humanos, os mitos tiveram muitos significados. Cita Xenófonos que foi o primeiro a rejeitar expressões do tipo mitológicas utilizadas por Homero e Hesíodo. Ao citar os gregos, dá conta de que foram retirados progressivamente os valores religiosos e metafísicos dos mitos, sendo interpretado como o que não existe realmente. Isso se intensificou mais com o judeu-cristianismo, que o consideram falsidade e ilusão, sendo relegada aos Testamentos a comprovação da autenticidade e da verdade das histórias.

Diante dessas visualizações interpretativas, pode-se concluir que os *mitos* tornaram-se, nas concepções contemporâneas, histórias fantásticas imaginadas nos primórdios da civilização humana. Considerando-se essa conceitualização, percebe-se que, apesar de ter havido no decorrer da história da filosofia, uma ruptura científica com os mitos, em decorrência da maneira de pensar de alguns filósofos, entre eles, Aristóteles e Descartes, os mitos ainda exercem influência na maneira de pensar dos seres humanos. Verifica-se isso em nossas experiências diárias.

Afrodite, a deusa do amor, foi utilizada na campanha de combate ao câncer de mama, muitos seres humanos dizem que quando estão apaixonados foram flechados pelo cupido; no *Mito de Higino*, percebe-se o porquê, em algumas culturas, os seres humanos (quando morrem) são enterrados e de onde se origina a palavra homem. A partir desses exemplos, percebe-se que os *mitos* exercem influência até hoje na vida cotidiana.

Concluídas essas reflexões, tem-se comprovada a importância dos mitos na constituição dos saberes humanos e na sua formação. Ao se ler a obra ST, percebe-se que, no Capítulo 6 Heidegger busca, na historicidade, o primeiro *testemunho pré-ontológico existencial* na elucidação de como se desvela o cuidado no ser do *Dasein*. Esse testemunho é expresso no § 42 da obra, cujo título é: *A confirmação da interpretação existencial do Dasein como cuidado por meio da Autointerpretação Preontológica do Dasein*. (HEIDEGGER, 2005 p. 218). Ao iniciar as argumentações defendendo que, anteriormente teve a pretensão de estabelecer alguns fundamentos ontológicos dos seres humanos e considera que o ser do *Dasein* se caracteriza na historicidade. Heidegger resgatou esse testemunho, que à primeira

vista pode parecer estranho, na visão do pensador, principalmente, se o cuidado for visto em uma perspectiva ôntica, como *preocupação* e *aflição*. Heidegger considera esse testemunho pré-ontológico, pois é uma maneira do Dasein *expressar a si mesmo*, de forma originária, sem haver interpretações teóricas anteriores, ou seja, é anterior ao surgimento da ciência, tendo o objetivo de aclarar, pois que, na interpretação existencial, não é uma invenção, mas uma construção ontológica dos alicerces de suas fundamentações. O Mito de Higino está descrito assim:

Certa vez, atravessando um rio, Cura viu um pedaço de terra argilosa: cogitando, tomou um pedaço e começou a dar-lhe forma. Enquanto refletia sobre o que criara, interveio Júpiter. A Cura pediu-lhe que desse espírito à forma de argila, o que ele fez de bom grado. Como a Cura quis então dar seu nome ao que tinha dado forma, Júpiter a proibiu e exigiu que fosse dado o seu nome. Enquanto Cura e Júpiter disputavam sobre o nome, surgiu também a Terra (tellus) querendo dar seu nome, uma vez que havia fornecido um pedaço de seu corpo. Os disputantes tomaram Saturno como árbitro. Saturno pronunciou a seguinte decisão, aparentemente eqüitativa: “Tu, Júpiter por teres dado o espírito, deves receber na morte o espírito e tu, Terra, por teres dado o corpo, deves receber o corpo. Como, porém, foi à Cura quem primeiro o formou, ele deve pertencer a Cura enquanto viver. Como, no entanto, sobre o nome há disputa, ele deve chamar-se Homo, pois foi feito de húmus.” (ST, 2006, p.266).

Na verificação hermenêutica do *Mito de Higino* se nota que conta a história da origem dos seres humanos, em que o personagem principal, o cuidado (a Cura) é quem esculpe a essência do ser humano na existência, sendo o responsável, até ser devolvida a terra novamente.

Uma das primeiras informações expressas acerca do *Mito de Higino* é que essa prova documental que foi encontrado, por Heidegger em um artigo de Burdach: Fausto; *La fábula de la Cura*, fábula 220 de Higino. Ao analisar hermeneuticamente esse testemunho em SYT juntamente com as reflexões proporcionadas por Rocha no artigo intitulado, “A ontologia heideggeriana do cuidado e suas ressonâncias clínicas” (2011, p.71-90), percebemos que:

- existe a constatação de que o cuidado é aquilo que pertence ao *Dasein*, durante toda a sua vida;
- os seres humanos são compostos de corpo (terra) e espírito, que se origina no cuidado;

- no mito há o percebimento de que *ser-no-mundo* necessita de cuidado;
- existe uma conexão entre a palavra homem e a palavra húmus;
- o cuidado domina o seu peregrinar temporal no mundo; Em relação à historicidade, Heidegger afirmará que Burdach, chama a atenção, de que existe um duplo sentido na palavra *Cuidado*, que não significa somente ansioso, mas que cuidado também, é dedicação, em um sentido *ôntico*. Considera que as estruturas existenciais ônticas possuem uma generalidade e um vazio que a plenitude ontológica pode esclarecer.

Desta forma, se percebe que Rocha, no artigo intitulado, “A Ontologia Heideggeriana do Cuidado e suas Ressonâncias Clínicas”³³, expõe, de maneira minuciosa, reflexões acerca do *Mito de Higino*. Considera que a pretensão do *Mito de Higino* é estabelecer a natureza do cuidado. Reflete que, em um patamar reflexivo amplo, os mitos nos falam de deuses e do mundo por meio de uma linguagem de símbolos que estimula o ato de pensar. Assim, pela sua interpretação é possível uma criação nos campos racionais e filosóficos. Ao analisar o *Mito de Higino*, Rocha, verifica que, este narra à origem do ser humano e elementos que fazem parte de sua constituição, sendo *o cuidado* o elemento primordial.

Em contrapartida a essa visão de contribuição do *Mito de Higino*, na obra heideggeriana ST, . Caputo, no livro *Desmistificando Heidegger*, argumenta:

Tenho-me sentido perturbado, com bases puramente internas, textuais e filosóficas com a importância exagerada ou, como aqui lhe chamo mítica que Heidegger atribui aos primeiros gregos [...] tendências mitologizadoras [...]. Com isto pretendo referir a tendência de Heidegger para construir um retrato fantástico das origens gregas do pensamento e das culturas ocidentais. (Caputo, 1998, p.15)

A crítica de Caputo acerca das argumentações de Heidegger sobre os mitos parte do pressuposto de que ele percebeu que o mito ocupa um lugar de *origem, incipiência primordial, ou seja*, indica um começo de tudo, que contradiz o que Heidegger chama de *alêtheia*, que significa, o desvelamento, de vários movimentos de épocas e não pode se limitar a um movimento único fundador.

³³ ZEFERINO, Rocha. A Ontologia Heideggeriana do Cuidado e suas Ressonâncias Clínicas. Síntese: Revista de Filosofia, Belo Horizonte MG. V.38, n.120, Jan./2011.

Já em nossa interpretação, desta autora, percebemos que Heidegger ao estabelecer este manifestar prévio do cuidado no existencial, *O Mito de Hígino*, percebemos a influência em termos de historicidade no *ser do Dasein*. Diante desta verificação, duas problemáticas se inserem na perspectiva do *cuidado* no existencial, as problemáticas da *verdade* e da *realidade*.

3.3 O CUIDADO NO SER DO DASEIN: A PROBLEMÁTICA DA REALIDADE E DA VERDADE NO EXISTENCIAL

3.3.3 O problema da realidade

Heidegger esclareceu no § 43 de SYT as conexões existentes entre *Dasein*, *Mundaneidade* e *realidade*, que iniciou considerando que a pergunta pelo sentido do ser é possível pela compreensão do ser. O fato de estar em constante decadência, faz com que o ser desse ente se compreenda. Considera que a questão do sentido do ser cobra o sentido da *realidade*, pois o *Dasein* está aberto enquanto *ser-no-mundo*. Para elucidar a problemática filosófica, que envolve a realidade e que está estritamente ligada ao modo de ser do *Dasein*, Heidegger faz uma explicitação dessa problemática através de alguns questionamentos e afirmações: A realidade exterior pode ser comprovada? O que significa realidade? Realidade como pertencente ao mundo exterior, de que maneira é demonstrada? A realidade como problema ontológico e a realidade e o cuidado (HEIDEGGER, 2005, p.222).

Segundo Inwood, no *Dicionário de Heidegger* (2002, p. 157), ao referir-se aos questionamentos feitos por Heidegger acerca da interpretação tradicional da realidade, feita na história da filosofia, refere que o pensador percebeu que:

- existem realidades, que transcendem a consciência, mas adverte que, esta não é uma maneira correta de se afirmar, “pois não existe sujeito sem mundo e nem sem consciência, porque para Heidegger o *Dasein* é interligado ao mundo. *Ser-no mundo* é anterior aos entes”
- a realidade do mundo externo não precisa de comprovação, isto representa para Heidegger, o fato de que as coisas estão no mundo externo, como uma

coleção de coisas físicas, simplesmente dadas, para ele isto representa um erro. Segundo Heidegger, nessa perspectiva errônea da realidade, o que deve ser feito é o seguinte: eliminar *ergo cogito sum*³⁴ de Descartes, ou seja, não considerá-lo como comprovação da realidade, mais invertê-lo e explorar o meu ser antes, onde se mostra enquanto *ser-no-mundo*;

- “Não existe conexão entre o *ser-no-mundo* e o ser-simplesmente dado”;
- “A realidade depende de nossa compreensão do ser. Entes e entidades são independentes do Dasein, mas o ser e a realidade não são. A realidade é subordinada ao Dasein como cura/cuidado.”

Diante das observações, elaboradas por Inwood, na obra, *Dicionário de Heidegger* (2002), verifica-se a pertinência de suas colocações, ao se constatar que, em SYT, Heidegger, ao argumentar acerca da realidade, faz o seguinte questionamento ontológico: O que é a realidade? O pensador considera essencial refletir sobre a problemática da existência do mundo exterior. Considera que o acesso ao real inicia pelo conhecimento intuitivo, que significa um comportamento da alma e da consciência.

Com essas afirmações, Heidegger entende que, todo o acesso a um ente tal se funda ontologicamente na constituição do *Dasein*, em *ser-no-mundo*, e que essa constituição possui sua base mais originária no *cuidado*, que significa: “antecipar-se a si estando em um mundo em meio do ente intramundano. (HEIDEGGER, 2005, p. 223).” Ou seja, existe uma conexão inerente do mundo com a compreensão do ser do *Dasein*. Heidegger postula que as principais correntes filosóficas, que refletem acerca da problemática da realidade, são o realismo (o mundo exterior existe realmente, que explica a realidade onticamente através de coisas reais) e o idealismo (que considera que a realidade está na consciência e não pode ser explicada por meio dos entes); há uma limitação em ambas as teorizações.

No realismo, esse fracasso se dá na consciência e no idealismo com a coisa em si. Inwood, ao expressar a problemática do realismo e idealismo, nas obras de

³⁴ COTTINGHAM (1995, p. 139), na obra *Dicionário de Descartes*, nos proporciona a seguinte reflexão acerca das expressões latinas *res cogitans* e *res extensa*, que são expressões utilizadas por Descartes para se referir ao corpo e à mente. Na visão do pensador o corpo se refere a substância corpórea, ou seja, à matéria, refere-se ao *eu* pensante, que faz com que eu seja o que sou, para ele existe uma separação entre corpo e mente, ele chamou isto de “Dualismo”.

Heidegger, no seu livro *Heidegger* (2004, p. 114) em relação às críticas assinala que, o *Dasein* estabelece o seu caminho através do realismo e idealismo, que o isolamento de ambos é um erro, pois se as teorias idealistas estivessem certas, o *Dasein* seria quase um Deus, e, se a teoria materialista estivesse certa, o *Dasein* seria um inseto. Consequentemente, para Inwood, diante das verificações e críticas feitas por Heidegger em relação às correntes idealista e realista, nunca se deve considerar o ser do ente de maneira isolada, mas em conexão com o mundo e os seres de seu contexto circundante e ter o percebimento da maneira que ele se ramifica em diferentes variedades.

Conclui-se, então que sua separação em um nível ontológico é inviável, e que sua diferenciação surge apenas em um nível ôntico, pois possuem objetos distintos. O resultado disso é a ilusão, porque no ser se manifesta mutuamente.

Segundo Heidegger, o problema da realidade pode ser aclarado em uma perspectiva ontológica por meio do fenômeno da *intramundaneidade*, que se funda no fenômeno do mundo, que é a estrutura essencial de *ser-no-mundo* e que pertence à constituição fundamental do *Dasein*. A estrutura *ser-no-mundo* esta totalmente articulado com o *Dasein*, que se caracteriza através do cuidado (SYT: 2005, p.230). Nesse desvelar, se consegue aclarar, segundo o pensador, a problemática da realidade, pois *ser-no-mundo* caracteriza-se no *cuidado*, sendo a única possibilidade de análise da realidade.

Ao se referir à realidade, Heidegger a considera um termo ontológico, que se interliga ao ente *intramundano*. A advertência feita por Heidegger ao conceito tradicional de realidade é que em sua significação tradicional a realidade está no puro *estar-aí* das coisas. Na perspectiva proposta por ele, a realidade se remetia ao fenômeno do *cuidado*, porque a realidade se funda ontologicamente no ser do *Dasein* e não pode significar que o real é o que é em si mesmo e existe unicamente se existe o *Dasein*. (HEIDEGGER, 2005, p. 233).

3.3.2 O problema da verdade

As reflexões sobre a *verdade* foram desenvolvidas de vários modos pela tradição filosófica. Sua significação é tema de estudo desde os primeiros pensadores gregos até os contemporâneos. As reflexões surgem a partir da seguinte indagação ontológica. *O que é a verdade?* Redyson, (2007) no artigo, “Sobre o conceito de verdade em Martin Heidegger,” considera que, a verdade é vista nas obras de Heidegger em uma perspectiva, diferente da tradicional, ou seja, a de não compreender a verdade como *Alethéia*, da maneira como foi traduzida do grego, mas de vê-la como *desvelamento*. Para alcançar este objetivo, Heidegger retorna aos gregos e estabelece uma ontologia fundamental.

A justificativa de expor acerca da verdade, esta dita em ST, por Heidegger, da seguinte forma: “a condição ontológica –existenciária de que o *ser-no-mundo* é determinado pela verdade e pela não verdade reside na constituição de ser do Dasein [...] que constitui a estrutura do cuidado (HEIDEGGER, 2012, p. 617).”

As posições de Heidegger acerca da verdade remetem à constatação de uma maneira diferente das noções estabelecidas até o momento. E se pode afirmar que seu objetivo primordial é encontrar a forma como o ser se relaciona com a *verdade*. Na obra ST, especificamente no § 44, há uma intensificação argumentativa sobre a temática que envolve o *ser* e a *verdade*, que foi denominado, na obra, de “essência da verdade”. Sobre essa perspectiva de Heidegger, acerca da verdade, A Mansbach (1999), no artigo “Heidegger’s Critique of Cartesianism”, considera que, Heidegger derruba os alicerces da interpretação da verdade proposta pela epistemologia moderna, em que a verdade é vista como correspondência. Já visão de Mansbach (1999) a interpretação da verdade proposta pela tradição estabelece que, os seres humanos são criaturas essencialmente cognitivas, que o mundo é representado por objetos por meio de ideias e conceitos expressos em afirmações. Dessa forma, a verdade é estabelecida no mundo pela correspondência entre essas representações mentais ou linguísticas e por outro lado, objetos, fatos ou eventos no mundo. Mas Heidegger, em ST, ao sustentar suas críticas à noção de verdade estabelecida pela tradição filosófica, declara o seguinte:

Se define a verdade, do modo como hoje se tornou de todo usual, como algo que compete “propriamente” ao juízo e, além disso, se apela para Aristóteles na defesa dessa tese, não só este apelo é ilegítimo, mas, sobretudo significa um mal entendido do conceito grego de verdade. Em

sentido grego “verdadeira” é mais originária do que o referido logos [...] a simples percepção sensível de algo. (2012, p. 117).

Na tradição filosófica a verdade é estruturada a partir das seguintes teses apresentadas por Heidegger em SYT (2005, p. 235):

- “O lugar da verdade é o enunciado”.
- “A essência da verdade é a concordância do juízo com seu objeto.”
- “Verdade como concordância”.

Nesta perspectiva de verificação do que seja a verdade estabelecida pela tradição, Inwood, na obra, *Heidegger* constata, por estas, indagação e resposta, a pertinência das afirmações críticas de Heidegger:

Podem as palavras ter significado independente das coisas a que se aplicam e a que se referem, de modo que possamos dizer que aquilo que corresponda a um fato é uma frase, ou uma proposição dotada de sentido? Não, uma palavra como *martelo* ou *cultura*, não tem um único significado determinado ou conotação, seu significado depende do mundo em que ela é usada e varia de acordo com ele (1999, p. 64).

Com essa reflexão epistemológica acerca dos conceitos tradicionais de verdade e da reflexão levantada por Heidegger em SYT, o pensador estabelecerá na obra um fenômeno originário da verdade. Seus argumentos se intensificam mais ao criticar a visão tradicional de verdade ao afirmar em ST:

Ser-verdadeiro como ser-descobridor é um modo de ser do *Dasein*. O que esse descobridor possibilita ele mesmo deve ser chamado necessariamente “verdadeiro” em um sentido ainda mais originário. Os fundamentos ontológico-existenciários do descobrir ele mesmo mostram pela primeira vez o fenômeno mais-originário da verdade. (HEIDEGGER, 2012, p.609, grifo nosso).

Diante da visão de Heidegger acerca da verdade é pertinente analisar as argumentações feitas por Simon, que na tese: *A questão da Verdade a partir do pensamento de M. Heidegger* (1979) em que afirma: no momento em que o *Dasein* é *ser-no-mundo*, ou seja, quando ocorre a *abertura*, existe o horizonte de manifestação da verdade, sendo um eterno desvelamento do ente, conseqüentemente, sua temática envolve o desvelamento do ser-dos-entes. A

comprovação das argumentações feitas Simon, está presente, na seguinte exemplificação exposta em ST.

As leis de Newton, o princípio de contradição e em geral toda verdade só são verdadeiros enquanto o *Dasein* é. Antes que houvesse em geral algum *Dasein* e depois de que já não haja *Dasein*, não havia e não haverá verdade alguma, porque a verdade como abertura, descoberta e ser-descoberto já não pode ser então. Antes que as leis de Newton fossem descobertas, elas não eram “verdadeiras”, do que não se segue que fossem falsas, nem menos ainda que se tornariam falsas se já não fossem falsas, nem menos ainda que se tornariam falsas se já não fosse onticamente possível nenhum ser descoberto. Tampouco há nesta “restrição” uma diminuição do ser-verdadeiro das verdades. (HEIDEGGER, 2012, p. 625-627, grifo nosso).

Consequentemente, se concluí, que a noção de verdade estabelecida por Heidegger está estritamente relacionada ao *Dasein* e à maneira como ela se desvela em seu ser. Diante dessa constatação, há o percebimento de que o *cuidado* está estritamente relacionado à manifestação da verdade, pois essa é a essência na existência do ser do *Dasein*.

3. 4 O CUIDADO E A TEMPORALIDADE

Quando se delimita a temática da temporalidade em Heidegger, com base em sua obra ST, tem-se a consciência de que a sua forma de abordagem é diferente daquela usada até então, pela tradição filosófica. As posições de Heidegger deixam claro que a temporalidade, em seu eixo filosófico (em torno do ser), está ligada à estrutura do cuidado no *Dasein*. Isso pode ser verificado na perspectiva de que, no *Dasein*, passado, presente e futuro interagem. Nessa linguagem utilizada por Heidegger, isso funcionaria do seguinte modo: O passado, estrutura-se no *Dasein* através dos sentimentos deixados pelo fato de existir *junto a outros entes*.”

Na perspectiva do futuro, o *Dasein* antecipa-se a si mesmo, que seria o momento primário do *cuidado*, significando que se projeta em relação às suas possibilidades em relação ao futuro. A única certeza que guia o *Dasein* é que é um *ser-para-a-morte*, e que esse fato possibilita a temporalidade interagindo em seu ser em contato com o mundo. Essa dá-se primeiramente como cuidado em uma unidade que possui *êxtases, projetos, facticidade e decadência*.

Nessa perspectiva interpretativa, Wu, no texto: “O todo, o singular e o hermenêutico em Ser e tempo (VEIGA. 2012, p.101), considera que o *cuidado*, na interpretação elaborada por Heidegger, “reúne o mundo da ocupação”, a “solicitude no ser com os outros” e no “trato do *Dasein* consigo mesmo”. A reunião desses existenciais são estabelecidos na obra via um conceito diferenciado de tempo, pois Heidegger, ao discorrer sobre o tempo e a temporalidade, pontua o seguinte em ST:

Se a temporalidade constitui o originário sentido-do-ser do *Dasein*, ente para o qual no seu ser está em jogo esse ser ele mesmo, então a preocupação deve empregar o tempo e por conseguinte, contar com o tempo. A temporalidade do *Dasein* desenvolve a contagem do tempo. O tempo nele experimentado é o aspecto fenomênico imediato da temporalidade. (2012, p. 649).

Com essas alegações, Heidegger instaura uma analítica existencial, diferenciada no tempo, em que seu manifestar era no próprio tempo, na existência, em nós e na temporalidade que somos e, nisso, o *cuidado* está automaticamente inserido. Consequentemente, o tempo possibilita uma interpretação ontológica do *cuidado*, pelo seu manifestar existencial, pois Heidegger afirma em SYT (2005, p. 342) que, “elucidar o sentido do cuidado significa então examinar o projeto que fundamenta e guia a interpretação existencial e originária do *Dasein*.”

As constatações feitas por Heidegger iniciam na primeira seção de ST, em que refere que a angústia possibilita uma verificação ontológica existencial pertencente ao *Dasein*, entretanto, ela coloca o *Dasein* diante do nada e ocasiona sua abertura para o mundo, pertencente à cotidianidade. Nessa perspectiva interpretativa, Dastur (1997, p. 77) compreende que a temporalidade é o sentido ontológico do cuidado, essa argumentação tem como pressuposto a constatação de que a analítica hermenêutica exposta na primeira seção de ST Heidegger afirma que o ser do *Dasein* como cuidado, não estabelece uma originariedade ontológica, pois, segundo Dastur, a análise empreendida na primeira seção não alcança o *Dasein* em sua autenticidade, ou seja, naquilo, que possui de mais próprio, pois a angústia se manifesta na cotidianidade, em todos os seres humanos.

Considera que pela temporalidade e os fenômenos pertencentes a ela, entre eles o tempo, existe a possibilidade de transcendência do *Dasein* enquanto *ser-no-mundo*. A indagação que surge é: de que forma isso se manifesta? Dastur (1997, p.

78-79) estabelece a seguinte constatação: por meio da aporia da *morte* e de sua compreensão o *Dasein* tem a possibilidade de *ser-antecedendo-se-a-si* na incompletude diante da existência.

Quando o *Dasein* compreende, de fato que é um *ser-para-a-morte*, não tentando se distanciar disso na banalidade e tagarelice existe a possibilidade de *ser-no-mundo*, em que o *bem* seja a perspectiva do agir, em que exista a compreensão de que não existe o distanciamento entre *sujeito* e *objeto*, mas que há uma conexão entre o que existe. Apesar das distinções de tipos de entes, ou seja, que existem aqueles que pertencem à existência sem a intervenção do *Dasein* (natureza) e os que são produzidos pelo *Dasein*, então o *Dasein* é o único ser capaz de compreender, o que significa essa intervenção. Ao instituir uma relação com a obra de Heidegger CH percebe-se que Heidegger acusa a tradição humanística de superficial enquanto enfoca o ser humano estático e não no transcorrer do tempo. Pela compreensão de sua historicidade, o *Dasein* interage com o mundo, através do cuidado, formando a estrutura *ser-no-mundo*, havendo possibilidade de transcendentalidade no seu *agir*.

4 A ÉTICA NO AGIR E A NATUREZA: O CUIDADO NA PRESERVAÇÃO PARA AS NOVAS GERAÇÕES



“Não entendo por que quando destruímos alguma coisa construída pelo ser humano chamamos isso vandalismo, mas quando destruímos alguma coisa criada pela natureza chamamos de progresso”. Ed Begley

Florestas deitam-se
Riachos arrojam-se
Rochedos duram
Chuva desliza
Planícies esperam
Fontes Jorram
Ventos permanecem
Fecundidade Medita.

HEIDEGGER. M.(1969, p.41)

Ao se ler o livro *Habitar a Terra: Heidegger ética ambiental e a metafísica da natureza*, escrito por Foltz (2000) constata-se, que ele faz, um alerta acerca do estado do Planeta. Em décadas recentes, a análise feita por Holtz define que a relação dos seres humanos com o ambiente natural é tema que merece atenção especial das políticas públicas, pois a sua não preservação resultará, via estudos ambientais já feitos, consequências esmagadoramente desastrosas. Heidegger, na obra CH (2005, p.16) conclui que os seres humanos parecem estar condenados à vontade do que é calculável e à sua factibilidade: isso significa, estar entregue ao poder da interpretação e esquecer o elemento essencial de sua existência: o ser.

O objetivo deste capítulo é demonstrar de que forma as reflexões proporcionadas por Heidegger acerca do cuidado podem contribuir para uma conscientização reflexiva sobre o cuidado com a natureza, como possibilidade de *ser-no-mundo*. Também se verificam algumas reflexões derivadas da influência de Heidegger nesse contexto.

4.1 A NATUREZA E OS SERES HUMANOS: OS PROBLEMAS ENFRENTADOS NA CONTEMPORANEIDADE

Ao indagar sobre o significado de natureza, Canto-Spenber no “Dicionário de ética e filosofia moral” (2005; p. 228), afirma que é “um conjunto de tudo o que existe, o mundo, o universo, que singulariza o que existe, seu princípio ou sua essência”. Refere que a palavra deriva de *nature* de origem latina, que significa surgir, gerar, a força que, aplica-se a tudo que tem a característica de ser natural, ou seja, que envolve todo o meio ambiente.

Com essa argumentação, percebe-se que a natureza é a essência de tudo o que existe no mundo. Jaeger, no livro *Paidéia*, (2001, p. 1413) afirma que os “gregos tiveram um senso inato do que significa natureza” que o conceito de natureza é elaborado por eles em primeira mão, tendo indubitável origem em sua formação espiritual, pois consideravam as coisas no mundo, em uma perspectiva tal, que nenhuma delas lhes parecia como parte isolada do resto, mas sempre como um todo ordenado em conexão viva, e na qual tudo ganhava brilho, posição e sentido. (2001, p. 11). Algumas linhas teóricas acreditam que as especulações a respeito do que seja ser nasceu na Grécia Antiga a partir da admiração dos gregos diante da natureza. Acredita-se nessa teorização em função dos seguintes aspectos analisados historicamente:

Na Grécia antiga, não havia o conhecimento científico de que dispomos agora, a forma de interpretar sua memória histórica era por meio da mitologia. Os mitos eram histórias imaginativas que descreviam figuras representadas por heróis, deuses, ninfas, titãs, centauros, sereias. Essas criações influenciam (até hoje) em desenhos, filmes, costumes e hábitos, pois as histórias interagem com os sentimentos e as emoções internas humanas juntamente com sua relação com a natureza.

Esse cenário começa se alterar com o surgimento de novas teorias e formas de interpretação dos *porquês existenciais*, ainda não desvendados. Surge nesse

contexto, os pensadores pré Socráticos, naturalistas ou filósofos da *Phýsis*,³⁵ que buscavam, em sua compreensão existencial, uma resposta ao problema cosmológico referente aos *archés*, ou seja, o princípio gerador de tudo. Entre esses pensadores destacamos: a) *Tales de Mileto*: que afirmava que a água era o princípio de tudo; b) *Anaxímenes de Mileto*: o princípio de tudo é o ar. *Heráclito*: o fogo era origem de tudo, entre outros.

Diante dos *archés* propostos pelos pensadores, pode notar que, existe uma predominância de elementos naturais. Diante dessa característica, percebe-se que a natureza estava muito presente no conhecimento, exercendo muitas vezes a função de divindade e merecedora de respeito e admiração. Com o decorrer da história e a luta de poder entre os povos, surge a Idade Média. A característica que distingue os saberes propostos na Grécia antiga e o vigente nessa época é a substituição de monismos pela lei eterna, que estaria na infinitude. Considerando esses aspectos, percebe-se uma substituição gradativa de leis naturais para a criação de uma divindade, que criou todas as criaturas e a sua última fonte não é a natureza, mas a lei eterna.

Na modernidade, considerando o contexto reflexivo da ética, o pensador que mais se destacou nesse período foi Kant, que considerou que a *boa vontade* e a *razão prática* fundam o imperativo categórico e as normas de moralidade. Surge o monismo da razão e o centro de tudo passa a ser os humanos. Um dos precursores do pensamento de Kant, com algumas possíveis complementações de suas teorizações na contemporaneidade foi Hans Jonas³⁶, que foi discípulo de Heidegger.

³⁵ Esse termo era empregado em um sentido que representava a realidade primeira, originária, fundamental e persistente.

³⁶ Hans Jonas viveu de 1903 a 1993. Graduou-se em Maburg (Alemanha), onde obteve, em 1928, a livre-docência em Filosofia. Seus estudos sofreram influências de Kant, Husserl, Heidegger, entre outros. Dedicou-se a reflexões no âmbito do *gnosticismo*, que significa um conhecimento profundo e superior do mundo e do homem, que dá sentido à vida humana, pois permite o encontro do homem com sua essência eterna. Seus estudos também se destinaram a reflexões no âmbito das éticas deontológicas, com repercussões na bioética. Apesar de ter nascido na Alemanha, tinha descendência judia. Em decorrência disso, com a ascensão do Nacional-Socialismo em 1933, imigrou para a Palestina e posteriormente para a Itália onde ajudou a combater o Fascismo e o Nazismo. Ao retornar à Alemanha, descobriu que sua mãe tinha sido enviada ao Campo de Concentração de Auschwitz. Depois que isso ocorreu, nunca mais voltou a morar na Alemanha. No ano de 1949, foi para o Canadá, e em seguida para os EUA, onde desde então passou a lecionar. Na década de 70, interessou-se pelos problemas éticos, que estavam surgindo, em decorrência dos avanços tecnológicos. Produziu inúmeras obras, entre elas em 1979 lança o "**O Princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica**". Nessa obra, suas argumentações iniciam salientando o marco inicial do abuso do ser humano em relação a **natureza**, as bombas atômicas de

O interessante nas argumentações de Jonas é a compreensão explícita nas obras: *O princípio vida* e *O princípio responsabilidade*, da presença de reflexões no âmbito da vida englobando a natureza, em que há a constatação dos problemas enfrentados na contemporaneidade.

Jonas buscou formular pensares filosóficos que estabelecessem um conhecimento profundo dos seres humanos em vários âmbitos da vida. Entre esses âmbitos reflexivos, destacam-se argumentações éticas com repercussões na bioética, entendida em uma esfera de significação que regula a conduta humana em valores e princípios racionais. Um dos focos principais de seus estudos éticos é a visualização dos problemas ambientais ocasionados pelos avanços tecnológicos, que o fizeram criar uma teorização que unificasse ação, causa e efeito, que ainda estava longe de ser consumada em estudos éticos e pela sociedade, que utiliza até hoje a natureza como objeto de exploração de matéria-prima para o produzir *coisas*. Jonas percebeu que era necessário fazer uma nova leitura das relações que se estabelecem entre os seres humanos, a ciência, a tecnologia e a natureza, para que a partir dela, seja possível a construção de uma ética, que responda aos problemas criados pela crise ambiental. Essa nova leitura, de estudos éticos, tem como base o *Princípio responsabilidade*, que garante a preservação das gerações futuras, buscando a continuidade da vida.

No Brasil a obra de Jonas mais conhecida é *O princípio de responsabilidade: Ensaio para uma Ética da Civilização Tecnológica*, cujo título original é: *The imperative of responsibility: in search of e Ethics for the technological age* (1979), mas as bases argumentativas de suas reflexões éticas encontram-se em sua obra *O princípio vida: fundamentos para uma biologia filosófica*, cuja o título original em inglês é: *The phenomenon of life: toward a philosophical biology* (1966). Nessa obra, estabelece uma unificação dialógica entre filosofia, biologia, física e demais áreas do conhecimento, demonstrando a precariedade da vida, no sentido estabelecido até então, em estudos éticos, de isolar os seres humanos do resto da natureza, imaginando-os desvinculados das outras formas de vida.

Hiroshima e Nagasaki. Diante dessa, experiência devastadora, Jonas percebeu o que significaria o abuso dos seres humanos, em relação às tecnologias. Através de sua compreensão, verificou a possibilidade de um breve apocalipse gradual.

Lembra que somente uma ética fundamentada na amplitude do *ser*, pode ter significado, ou seja, percebe que é necessário desfazer a visão criada de que os seres humanos são *antropocêntricos* e que haja a substituição de que sejam, *unidades psicofísicas*, no sentido de que não são mais o centro do universo, mas seres em processo de evolução, que sentem, refletem e precisam da natureza e de seu equilíbrio para continuarem vivos. Principalmente, que passem a se preocupar com o futuro e garantam a qualidade de vida às novas gerações.

A obra, *O princípio vida: fundamentos para uma biologia filosófica*, estrutura-se em 12 capítulos, que são pesquisas isoladas feitas de 1950 a 1965, publicadas primeiramente em inglês e algumas em alemão. A justificativa da unificação dessas pesquisas é a de provocar uma reflexão acerca da vida, salientando características da Biologia Científica, as vinculando as descobertas científicas da física, matemática, religião e filosofia. Jonas percebeu que a biologia científica mantém suas regras presas a fatos orgânicos, ignorando a dimensão de interioridade que faz parte da vida. Para Hans Jonas o primeiro filósofo a estabelecer um tratado de biologia filosófica foi Aristóteles em sua obra *De Anima*, na qual salienta as descobertas sobre a multiplicidade da vida, suas diferenciações e funções, percebendo a hierarquia da vida orgânica, sem que houvesse a necessidade de uma teoria da evolução.

Conseqüentemente, o que Jonas propõe é uma filosofia da vida, que tenha como objeto uma *filosofia do organismo* e uma *filosofia do espírito*, no panorama da vida, por considerar isso fundamental na dimensão do agir. Jonas, explica que, quando existe a contemplação e os questionamentos no âmbito do agir, a biologia transforma-se em ética.

Para instaurar uma ética que busque uma fundamentação na amplitude do ser, na perspectiva do fenômeno *vida*, derruba as barreiras antropocêntricas da filosofia idealista e existencialista, pois para Jonas, no mistério do corpo vivo as duas estão unidas. Exemplos: *liberdade e necessidade, autonomia e dependência, eu e mundo, relações e isolamentos, atividade criadora e condição mortal*, que demonstram primitivas manifestações de vida, trazendo dentro de si um horizonte de transcendência para que o ser humano deixe de se considerar um ser metafisicamente isolado.

Um dos principais objetivos da obra: *O princípio vida: fundamentos de uma biologia filosófica* é provar que, a vida é um experimento envolvendo apostas e riscos e que a liberdade de escolha dos seres humanos pode ocasionar catástrofes, ou o êxito.

Uma das características argumentativas apresentadas por Jonas, nessa obra é a seguinte: uma análise crítica da sociedade tecnológica, por meio de uma descrição fenomenológica, aderindo a uma especulação metafísica.

Considerando a característica mencionada destaca-se uma linguagem interdisciplinar e transdisciplinar acerca do fenômeno *vida*, que rejeita os limites que separam entre si as ciências e os campos de trabalho.

Diante do fato de a obra apresentar tal característica, no decorrer de sua leitura, conclui-se que Jonas faz uma crítica ao *Dualismo*, de Descartes, que separa o *orgânico* do *espiritual*. O pensador propõe uma reflexão crítica, no sentido que, o *Dualismo* retirou da esfera física conteúdos espirituais, deixando para trás a existência de vida sensitiva em um mundo que não sente.

O pensador defende a seguinte tese argumentativa: *orgânico prefigura o espiritual*. Para justificá-la, parte de argumentações, que têm como base duas doutrinas, denominadas: *panvitalismo*, em que estabelece como paradigma problemático dominante a morte; e o *pan-mecanismo*, que tem como paradigma problemático a vida. O pensador verificou que os povos primitivos cuidavam do mundo natural, o visualizando-o como portador de uma alma. Isso significa que tudo era pensado em uma perspectiva que vê o mundo como *um todo vivo*, ou seja, para as sociedades primitivas não existia a matéria morta, pois a experiência dos seres humanos com a natureza era a própria vida, sendo tudo portador de uma espiritualidade.

Analisando esse modo de pensar, percebe-se que a morte era o que despertava os seres humanos para o mistério, e a vida era a experiência em contato com tudo o que existia. Na visão do pensador, esse cenário começa a se alterar com as descobertas de Copérnico no início do século XVI, as quais possibilitaram uma visão mais ampla do universo, e que a vida não se limitava apenas a Terra. Em

decorrência disso, houve uma profunda transformação na maneira como se pensava o fenômeno vida.

Diante dessas descobertas, a vida na Terra tornou-se um fenômeno secundário no grande mapa do universo, e essa mudança de perspectiva levou ao fim da era *panvitalista* e ao surgimento da era *pan-mecanicista*, havendo uma inversão: a vida é um problema, e a morte um fato natural. Na fase *pan-mecanicista*, a vida é matéria *extensa* e a ciência busca soluções aos problemas existenciais. Dessa forma, a matéria inerte torna-se natureza, objeto de exploração dos seres humanos, enquanto a vida torna-se um enigma, que necessita de constantes descobertas científicas. Nesse cenário de explicações, em que não existe mais a unificação entre o espiritual e o orgânico, surge um novo paradigma, o *ser humano-máquina*, ou *corpo-relógio no mundo engrenagem*.

O pensador adverte que o *dualismo* representa para o pensamento humano ainda a teorização mais importante já fundamentada, e que esse acontecimento deixou marcas eternas, ou seja, a dualidade já está fundamentada no próprio ser, e que a busca de um novo sistema filosófico não poderá ignorá-lo completamente. O resultado dessa polarização manifesta-se na sociedade pela via do *materialismo* e *idealismo*. Na visão de Jonas, o *materialismo* e o *idealismo* vistos isoladamente não caracterizam a vida, pois que essa não admite destilação numa perspectiva ontológica, pelo simples fato de que, consciência pura vive tão pouco quanto matéria pura. Consequentemente, a antítese dualista ocasiona a morte de ambos os lados, por terem sido separados do centro vivo, sem uma perspectiva de causa, no sentido de significar que o *eu* vive ao mesmo tempo em si mesmo e no mundo.

Jonas considera que as alterações referentes à visão do fenômeno *vida* também ocorreram em função da concepção cristã e gnóstica a respeito do *eu*, de uma interioridade do ser humano totalmente alheia ao mundo, *eu* e *mundo*, *ser interior* e *exterior*, *espírito* e *natureza*.

No âmbito das reflexões propostas por Jonas, pode-se concluir que, o ser humano, ao estabelecer a fundamentação do conhecimento moderno, tendo como base a perspectiva dualista, tornou o mundo incompreensível, não proporcionando ao homem uma interpretação do fenômeno vida satisfatório. E que é necessário, nas

interpretações acerca da vida a unificação do saber entre *organismo* e *espírito*, incluindo, nesse panorama reflexivo, a ética, pois é através dessa unificação que haverá o respeito mutuo entre seres humanos e a natureza para a continuidade da vida.

Considerando as visualizações e reflexões sobre o mundo, expostas por Jonas, percebe-se uma alteração nos monismos apresentados nos períodos anteriores e uma interação de críticas aos saberes. Percebe-se que, na contemporaneidade há o rompimento do modelo metafísico-teleológico e racional. Heidegger no Capítulo 3, de ST critica a predominância existente na contemporaneidade, no sentido de se visualizar o mundo como sendo uma *soma de entes*; isto significa que a natureza é vista pelas ciências físicas de seu tempo (1927), como objeto. Inwood, ao expressar a maneira em que os seres humanos se relacionam com a natureza na contemporaneidade, tendo como pressuposto as reflexões de Heidegger escreveu o seguinte:

Houve época em que inexistiam as aprimoradas fronteiras hoje existentes entre as ciências e as gamas de objetos que cada uma cobre. Mesmo em tempos recentes, os cientistas de quando em vez redefinem a natureza de seu objeto: eles retraçam a fronteira que o delimita a devolver uma nova concepção daquilo, que se acha contido nesta fronteira abrem novas formas de conhecer seus objetos e fecham outras. (.2004, p. 25).

Diante das argumentações de Jonas, Heidegger e Inwood nota-se que o distanciamento instituído pela tradição filosófica, entre *sujeito* e *objeto* favoreceu o paradigma de que a natureza é objeto de exploração dos seres humanos. Heidegger possibilita uma reformulação desse distanciamento pela via do *cuidado* como possibilidade de *ser-no-mundo*, temática do próximo subitem.

4.2 CONTRIBUIÇÕES PROPORCIONADAS PELAS TEORIZAÇÕES DE HEIDEGGER NO CUIDADO COM O MUNDO

No livro escrito por Haar, *Heidegger e a essência do homem* (1997, p. 17), compreende que nas obras de Heidegger o homem é essencialmente diferente do animal, por isso utiliza a palavra *Dasein*. Conseqüentemente, a metafísica, ao

afirmar que homem é *Zôon logon échôn*, conceituou o homem de maneira *coisista*, como *homem animale*, e esqueceu do sentido geral da *phýsis*, que é mais abrangente que o de natureza, pois se refere a tudo que está em constante movimento e transformação, a onde tudo brota e retorna.

Na interpretação proporcionada por Heidegger, a natureza é ela mesma um ente que comparece dentro do mundo e pode ser descrita por diferentes caminhos, ST (2012, p.199).

Porém, aqui a natureza não deve entender-se como o puramente presente, nem tampouco como força da natureza, o bosque é a reserva florestal [...] o rio energia elétrica, o vento é vento [...]. Com o descobrimento do mundo circundante comparece a natureza assim descoberta.

Diante das conceitualizações, no primeiro tópico deste capítulo, surge o seguinte questionamento: qual a função do *cuidado* dos seres humanos nessa ordem? Ou seja, até que ponto os seres humanos podem interferir nessa ordem reguladora por meio de seu agir? Na busca de resposta à indagação, verifica-se a forma como Heidegger interpreta o que seja a natureza expressa da seguinte forma:

[...] ente do-interior-do-mundo, mas não mostra nem o modo-de-ser do utilizável, nem o do subsistente no modo da “coisidade natureza”. Qualquer que possa ser a interpretação dada a esse ser da “natureza”, todos os modos-de-ser-do ente-do-interior do mundo são ontologicamente fundados na mundidade do mundo e, portanto, no fenômeno, do *ser-no-mundo*. (ST, 2012 p. 587)

Portanto, percebe-se que para Heidegger a palavra *natureza* é delimitada na esfera de entes pertencentes ao mundo e que pode ser interpretada de diferentes formas, percebe que ela pertence ao mundo circundante e nos propõe um fenômeno ontológico mais abrangente que envolva a totalidade do mundo circundante, em conexão com o *Dasein* e o seu agir, *ser-no-mundo*.

Para Heidegger, o *Dasein* é compreendido a partir da sua relação com o mundo, o mundo é o seu habitat, que faz parte da constituição ontológica do seres humanos, pois que, através da compreensão desse habitat, pode haver a transcendentalidade do *Dasein* pela temporalidade do *cuidado*.

Quando teve início esta argumentação foi utilizada uma citação de Heidegger em sua obra CH. Nela, ele alerta acerca do agir humano, considerando que esse ainda está muito longe de pensar a *essência* na existência, ou seja, o que provoca esse movimento que ocasiona, ao *Dasein*, a sua destruição. O acontecimento ocorrido na cidade de Santa Maria, no RS, demonstra a coerência de suas reflexões. Foi descoberto que na “Boate Kiss” que havia um material de isolamento acústico (esponja) que no caso de incêndio elimina um gás tóxico, que mata pessoas em menos de 5 minutos.

A imprensa, em algumas reportagens, considerou que esse gás foi comparado ao utilizado nos campos de concentração nazistas, ou seja, nos consideramos seres racionais que evoluímos no decorrer do tempo, mas cometemos erros semelhantes ao do século passado. A indagação que surge é a seguinte: Por que isso ocorre? Talvez a resposta esteja no fato de que os seres humanos, ao se deixarem levar pela vontade de cultivar o que é calculável e de sua facticidade (HEIDEGGER: 1972, p. 16), percebam que isso pode ocasionar em si mesmos a perda de algo essencial de sua existência, a sua humanização que ocasionou o *vazio* existencial, esquecendo os momentos epocais que originaram isso. Nesse norte reflexivo, Sidekum, no livro *Ética e alteridade a subjetividade ferida*, esclarece que:

O ser humano não somente sente-se num *vazio* existencial, porém um ser a realizar-se plenamente. Descobre a sua verdadeira missão de Pastor do Ser (Heidegger) e conduz sua vida para a realização o que implica uma reformulação completa dos valores pessoais, dos valores humanos Eis a nova dimensão da História. O homem contemporâneo teve, por um lado, a mais rica experiência de toda a história da humanidade, podemos falar aqui humanamente, porém em analogia, que chegamos a uma plenitude dos tempos humanos e por outro lado, temos a consciência da dimensão da tragédia e da catástrofe do progresso. (2002, p. 206).

Uma das possíveis causas da catástrofe está em conexão constante com os *entes* e o *Dasein*. Heidegger possibilita a compreensão em uma carta³⁷ que responde ao Professor Kojimo, onde faz algumas indagações para responder às dúvidas acerca de suas teorizações, que serve de base elucidativa às nossas indagações: *O que significa europeização do mundo? Que significa perda da*

³⁷ A carta ao Professor Kojimo encontra-se na obra, HEIDEGGER, Martin. **O fim da filosofia:** ou a questão do pensamento. São Paulo: Duas Cidades, 1972.

essência humana? Onde se revela ainda um caminho para a dimensão própria do mundo?

Para responder à primeira indagação Heidegger parte do princípio de que a Europa espalhou uma influência pelo mundo inteiro. Diante desse fato, faz a seguinte reflexão: De onde vem esse domínio? Heidegger verifica que o elemento predominante que marca o elemento europeu é a *técnica moderna*, que se caracteriza pela aplicação da física matemática experimental para a exploração e utilização de forças da natureza, dessa forma, a natureza se torna calculável. Consoante Heidegger, na Carta a Kojimo, diante da resposta à indagação, conclui que, *pela técnica moderna é descerrada a energia oculta na natureza, o que se descerra é transformado*. Com isso, o inevitável ocorre à interpelação produtora que desencadeia o progresso dos conhecimentos científicos e das invenções. Heidegger, diante desse cenário que caracterizava o ano de 1930, alerta:

Nem a ameaça exterior que vem de uma catástrofe mundial no sentido de uma destruição física do homem, nem a ameaça interior que nasce da transformação do homem na subjetividade, que se exalta, voltando-se contra si mesma, contém a ameaça decisiva para a humanidade do homem. (Carta a Kojimo, p.6).

A resposta à pergunta pode ser encontrada no fato, segundo Heidegger, de que é necessário, a libertação da interpretação técnica do pensar, pois desde que essa se tornou o paradigma dominante da sociedade em que viveu Heidegger e a que nós vivemos, a filosofia necessita sempre justificar sua existência em face das ciências, sendo constante o temor de perder seu prestígio e a importância pelo fato de não ser ciência.

Na visão do pensador, o exemplo mais marcante dessa forma técnica de pensar é a lógica e a sua sanção de importância e considera na Carta, em respostas as dúvidas referentes às suas reflexões que,

o poder da interpelação produtora manifesta, pelo homem, aquilo que do mundo se (a-)presenta com o caráter de fundo de reserva calculável e assegurável, o que torna presente aquilo que se (a-) apresenta – isto é, conforme a designação, antiga, o ente – nós o conhecemos como ser. (1972, p. 17)

Com as reflexões de Heidegger, percebe-se que a natureza tornou-se matéria-prima nas mãos dos seres humanos, ou seja, objeto de exploração que sacia seus desejos e prazeres na busca da sobrevivência. Nessa perspectiva, a tecnologia é o mecanismo dessa exploração. Entretanto, é necessário salientar que isso é um paradigma dominante, e que existem projetos que possibilitam fazer com que a técnica esteja a favor do *Dasein*, e nesta ótica o manifestar do cuidado afetivo em que o bem seja o pressuposto possibilita uma modificação desse contexto.

Zimerman no livro *Confronto de Heidegger com a modernidade* (2001, p. 27), considera que Heidegger interpretou a tecnologia moderna a partir de três significações interligadas. Tecnologia são técnicas, instrumentos, sistemas e processos de produção, associados ao industrialismo. A segunda é a visão de mundo racionalista, científica, mercantilista, utilitarista e antropocêntrica e secular associada à modernidade. E a última é que a técnica se manifesta na produção industrial. Farias, no artigo, “A desconstrução da técnica e o habitar humano: uma leitura de Heidegger,”³⁸ verifica que após ST, o tema: *a técnica e críticas à sua estruturação* possuem lugar relevante em suas argumentações, em sua interpretação na contemporaneidade, pois a técnica se aliou a sofisticação científica o que ocasionou o surgimento da tecnologia. Em termos de historicidade, Farias compreendeu que, em um tempo distante a técnica, significava a “[...] capacidade humana de fabricar instrumentos na organização da vida e na sua relação com a natureza.” Hoje em dia, a produção de coisas se intensificou muito, o que originou uma impressionante produção de lixo. As críticas proporcionadas por Heidegger favorecem a esperança de devolver aos seres humanos, pela via da compreensão filosófica, de que há o percebimento reflexivo do movimento da finitude do ser humano diante da vida e há valorização de seu *habitar* (morada humana).

Diante das argumentações expostas, Brüseke, na obra: *A técnica e os riscos da modernidade* (2001, p. 57) refere que Heidegger é um crítico da técnica moderna, pois para ele, ela é uma das consequências do esquecimento do ser, que faz com que a natureza se torne *retificada e objetivada, a cultura como indústria, a política usurpadora e os ideais cobertos por construções apressadas e fugazes*. Essas

³⁸ Artigo publicado na Revista **Conjectura**, Caxias do Sul: EDUCS, v.9, n.1/2, p. 125, jan/dez 2004,

características possibilitam a constatação da necessidade de tematização filosófica da finitude do homem, de suas *ansiedades e propriedades* e a constatação de que as relações de cuidado entre natureza e os seres humanos precisam ser revistas em uma perspectiva ontológica.

Conseqüentemente, Brüske percebe que nos ensinamentos de Heidegger existe a compreensão de que a técnica objetivada e calculada se intensificou no *Dasein* decaído, a negligência para com o outro *Dasein*, havendo a intensificação da coisificação, ou seja, o produzir mais coisas e mais coisas, esquecendo a verdadeira dimensão do que significa *ser-no-mundo*, tendo como pressuposto o bem e não mais a visão dos próprios interesses.

Marques no artigo “Ethos e Ética em Heidegger” (1989, p.59-66) percebe que o cuidado é fundamental na dimensão do ethos, pois é o que estabelece o agir que protege e defende o ethos (Educação e Filosofia 59-66). A pergunta que surge é: de que forma isso pode se manifestar? A resposta é simples: através da intensificação do cuidado *ontológico*, que inicia com a compreensão de que somos seres-no-mundo, finitos, e que necessitamos de outro *Dasein* e de entes que nos cerquem para continuarmos vivendo. Sabemos que a esfera de circunvisão é estabelecida na existência por meio do cuidado unido à temporalidade no ser do *Dasein* e às suas várias formas de se manifestar. Percebe-se no decorrer deste estudo, que a técnica intensifica o *cuidado ôntico*, em que a esfera de circunvisão, muitas vezes, se limita aos próprios interesses, Veja-se isso nas palavras de Foltz:

Apesar de nossas grandes cidades e sistemas de transportes, das nossas realizações em termos de técnicas médicas dos nossos vai e vens espaciais e chips de computadores [...] ainda assim “moramos”- se e na medida em que moramos poeticamente [...] sobre a terra. Cheios de mérito, acreditamos de dominamos a natureza e tornamo-la explicável. Cheio de méritos devastamos o ambiente natural a um ponto tal que cientistas e investigadores escrevem livros de avisos e alarmes [...]. No entanto aquilo de que nos orgulhamos não é aquilo que é essencial, enquanto parece hoje dificilmente credível que possamos morar “poeticamente” sobre a terra. (2000 p. 188).

Diante dos argumentos de Foltz, percebe-se a necessidade de uma mudança na perspectiva do agir para que haja uma alteração desse paradigma dominante em

que corremos o grave risco de não garantir às próximas gerações um habitar em que exista a possibilidade de uma vida com qualidade.

4.3 O CUIDADO EM HEIDEGGER NA PERSPECTIVA DA ÉTICA DO AGIR

Um contexto *ôntico* muito específico, sinaliza diversos fatores que interferem na aceitação geral das concepções éticas tradicionais. Pode-se mencionar como um desses fatores a velocidade com que os seres humanos se proliferam. Essa proliferação, ocorrendo em condições desfavoráveis, fez com que a ética no agir, na perspectiva do bem se perdesse, ou seja, fez com que a vida humana se tornasse uma troca de bens, troca de interesses e troca de influências.

Quando foram iniciadas as argumentações na presente dissertação, um dos objetivos primordiais foi anunciado: “refletir e estabelecer exemplificações sobre o noção do cuidado estabelecido por Heidegger”, centrando a ênfase argumentativa em torno de duas obras do pensador, ST e CH. Essa delimitação foi feita em decorrência da abrangência e imensidão de seus estudos. Tem-se consciência de que existe uma mudança de pensamento em seus escritos a partir da década de 30 (séc.XX). Entretanto, busca-se, em suas reflexões acerca do ser, a possibilidade de horizontes éticos que tem como base o *cuidado* que aponta para uma ética originária. Deve-se entender o sentido da palavra “originária” em relação a um caráter sempre derivado de outras concepções éticas. Essa ética originária estabelece em sua fundamentação a importância do resgate de questões acerca do ser, que segundo o pensador, foram esquecidas pela metafísica em que o ente foi interpretado como sendo o ser.

Na principal obra que fundamenta esta argumentação, ST, percebe-se que, no *Dasein*, segundo Heidegger, ocorre uma conexão permanente entre o ser humano e o mundo. Através dessa conexão, o pensador conclui que a filosofia tem a missão de desvendar o ser. Para Heidegger, o mundo é tudo que está ao nosso redor, está imerso nele, e essa conexão forma a expressão *ser-no-mundo*, que

rompe com o distanciamento estabelecido pela metafísica entre sujeito (*eu*) e Objeto (*coisas*). Também verifica que o *Dasein* tem a possibilidade de compreender essa conexão, através da temporalidade interagindo no seu ser.

O *cuidado* é uma estrutura *apriorística* que possibilita a intensificação dessa compreensão. Diante desses pressupostos, procurou-se, neste momento, estabelecer uma releitura de suas obras, ST e CH na perspectiva da ética do agir. A pergunta que surge, é: de que maneira isso será feito? Primeiramente se mostrará de que forma o agir manifesta-se paradigmaticamente na contemporaneidade, quais os pressupostos do entendimento do que seja ética nesta contextualização reflexiva, por meio de uma releitura. Também encontrar um possível núcleo de argumentação ética em seus escritos em ST, com o apoio de algumas argumentações de sua obra CH.

Quando se pensa na manifestação do agir na contemporaneidade concorda-se com Loparic, no livro *Sobre a Responsabilidade* (2003), *que agir não significa mais “fazer o bem” ou “fazer história”, mas, de uma maneira crescente, agir planejadamente*, ou seja, agir de acordo com os próprios interesses. Heidegger já havia constatado esse fato, que segundo ele, foi ocasionado pelo esquecimento do ser, é por isso que em ST afirma que: *agir não significa mais produzir efeitos, significa antes deixar surgir o ente casual na situação do momento* (2003, p. 22), ou seja, o ser humano age conforme a situação do momento, em seu próprio benefício. Diante disso, encontra-se a possibilidade de compreensão reflexiva de Heidegger acerca do agir humano expresso nas primeiras linhas da obra CH, citada na introdução deste trabalho dissertativo. As quais, relembremos agora:

Estamos ainda longe de pensar, com suficiente radicalidade, a essência do agir. Conhecemos o agir apenas como o produzir de um efeito. A sua realidade efetiva segundo a utilidade que oferece. Mas a essência do agir é o consumir. Consumar significa desdobrar alguma coisa até a plenitude de sua essência, levá-la á plenitude, *producere*. Por isso, pode apenas ser consumado, em sentido próprio, aquilo que já é. O que toda via “é”, antes de tudo é o ser. “O pensar consuma a relação do ser com a essência do homem. (2005, p. 7).

Ao se analisar, as argumentações de Heidegger acerca dos acontecimentos do cotidiano na contemporaneidade, percebe-se também uma pertinência das suas argumentações, refletida sobre aspectos ônticos. Menciona-se de novo a tragédia

ocorrida em Santa Maria. Através de fotos, percebe-se que não havia extintores nas paredes para serem utilizados, e os que estavam no ambiente não funcionaram. Pode-se concluir dessas observações simples que, um incêndio, se compõe de uma totalidade conformativa da razão, da existência, de recursos e da sua disponibilidade de utilização. É imperioso perguntar: o que distingue a busca do ter sem limites no modo ôntico e decaído do *ser-no-mundo?* e podemos transformar essa pergunta em: por que os extintores estavam vazios?

Percebe-se em ST uma resposta ao questionamento feito pelo *Dasein* sendo *ser-no-mundo* em uma conexão que envolve a temporalidade, a ocupação, a preocupação e a solicitude, nesse conjunto interagindo; existe a possibilidade de compreensão da necessidade de *ser-com* (mit-Sein), ou seja, estamos no mundo com outros seres humanos. E, na sucessão ôntica dos fatos, vê-se a relação de *estar-com-o-outro* acontecer, pois, diante da tragédia, também surgiu, a cooperação e afetividade.

Na busca de elementos para a comprovação de nossas argumentações, encontra-se também uma indicação de Haar (1997) que a partir de Heidegger, percebe-se que é necessário mudar a essência dos seres humanos, porque ele percebeu que este ente, denominado por Heidegger de *Dasein*, que tem o dom da palavra, que durante muitos séculos foi denominado de *animal racional* e que a técnica o transformou em suas metamorfoses de vivente que calcula, ocorrendo a perda do humanismo, dessa forma o humano se direcionou ao *substancialismo* e ao *antropocentrismo*.

Assim, Loparic em *Sobre a responsabilidade* (2003), o *ser-no-mundo* próprio é fruto do fato da responsabilidade ser transmitida ao homem pela não identidade consigo mesmo, cisão reveladora da diferença ontológica, e que, nessa conexão, o manifestar do cuidado afetivo e cooperativo determinaria um *movimento épocal* diferenciado do paradigma dominante pelo agir, em que o pressuposto é o bem. Pode-se perguntar o que significa o bem como pressuposto do cuidado no agir sendo *ser-no-mundo?*, *Bem*, é beleza, dignidade humana, bem no sentido, de uma ação virtuosa, um comportamento aprovável, que transcende a própria existência. Isso se manifesta na sociedade, mas não de maneira intensificada, porque o *ter* fala

muitas vezes mais alto. Como salientamos vivemos na sociedade do *jeitinho brasileiro*.

A intensificação desse agir, pode ser feito em pequenas atitudes, no manifestar do cuidado ôntico, tendo a compreensão de que sabemos cuidar, fomos cuidados e necessitamos de cuidado, e que é necessário na *sociedade tecnicista* uma intensificação do *cuidado* cooperativo e afetivo, para que haja a diminuição do descuido e da negligência para com o *outro (Dasein)* e a natureza, ocasionando uma melhor qualidade de vida, às pessoas e a natureza, estabelecendo-se a partir disso há possibilidade de o *Dasein* tornar-se *ser-no-mundo*, para que não haja mais o distanciamento instituído entre a metafísica entre *sujeito* e o *objeto* e que isso se intensifique nas próximas gerações, havendo o rompimento com a historicidade paradigmática de nosso tempo, em que se vive como se nunca fosse morrer.

E que haja transcendentalidade no decorrer do tempo no ser do *Dasein* e que a marca de uma sociedade mais afetiva e cooperativa seja o paradigma dominante, e que esse pressuposto seja o bem, para plena realização ontológica do *Dasein* na existência autêntica.

5 CONCLUSÃO

O panorama hermenêutico, com o presente estudo dissertativo, propunha-se a desenvolver argumentativamente a seguinte articulação conceitual implícita: *Horizontes Éticos: o cuidado como possibilidade de ser-no-mundo*, Em que a base teórica foi estabelecida por meio de duas obras de Heidegger ST e CH. Os nossos pontos de partida assumiram o seguinte questionamento: *Existe a possibilidade de averiguações de horizontes éticos em suas reflexões acerca do ser?* O Capítulo 2 desse trabalho mostrou a possibilidade dessas averiguações. Isso ocorreu por meio de estudos existentes na contemporaneidade, os quais foram destacados argumentativamente, os trabalhos desenvolvidos por Loparic, Stein e Raquel Wilma Correia

Considerou-se necessário justificar um melhor entendimento da temática a ser desenvolvida, por isso trabalhamos numa caracterização das obras ST e CH estabelecidas em nossa base teórica. Percebeu-se que as obras pertencem a fases diferentes de argumentação do pensador, Martin Heidegger, que é classificado na história da filosofia de Heidegger I e II. Apesar dessa diferenciação, percebemos que mediante uma leitura, explorando as entrelinhas, existe a possibilidade de horizontes éticos em suas reflexões acerca do ser, em que a base é uma *ética originária* em que sua fundamentação está numa *ontologia reformulada*.

Utilizamos uma situação da realidade, ou seja, aquela que se mostra na compreensão de um dilema existencial predominante, em que existe o duelo do *ter* e *ser*, onde percebemos que a *coisificação* se intensifica de uma maneira absurda, fazendo com que o *Dasein*, perda a sua dimensão do que significa *ser-no-mundo*. Essas reflexões estabelecem o enraizamento do manifestar existencial gerando um ponto de partida possível: o cuidado.

O capítulo 3 desse trabalho percorreu a obra ST, o manifestar do cuidado, tendo como base argumentativa pesquisadores contemporâneos. Percebeu-se que

se destacam duas formas gerais do manifestar do cuidado. Essas formas são denominadas, em sua filosofia, de *ôntico* e *ontológico*.

Diante da análise, mais aprofundada do manifestar do cuidado, percebemos que Heidegger ao argumentar sobre os elementos que o compõem no existencial, estabelece uma vinculação, em ST, com um mito romano, visto no Capítulo 3, onde argumentamos que, *O mito de Hígino* é uma maneira do *Dasein* expressar a si mesmo, de forma originária, sem haver interpretações teóricas anteriores, ou seja, é anterior ao surgimento da ciência, tendo o objetivo de elucidar, pois que, na interpretação existencial, não é uma invenção, mas uma construção ontológica dos alicerces de suas fundamentações. Essa reflexão mitológica possibilita criações nas áreas racionais e filosóficas, pertencentes ao ser do *Dasein*, pois faz parte de sua historicidade.

Outros dois aspectos existenciais que envolvem o *Dasein* e o cuidado são os problemas da *realidade* e *verdade*. Em relação a *realidade* verificou-se que Heidegger postula que, as principais correntes filosóficas, que refletem acerca da problemática da realidade, são o realismo (o mundo exterior existe realmente, que explica a realidade onticamente através de coisas reais) e o idealismo (que considera que a realidade está na consciência e não pode ser explicada por meio dos entes); há uma limitação em ambas as teorizações. E propõe o seguinte: que o problema da *realidade* pode ser aclarado em uma perspectiva ontológica por meio do fenômeno da *intramundaneidade*, que se funda no fenômeno do mundo, que é a estrutura essencial de *ser-no-mundo* e que pertence à constituição fundamental do *Dasein*. A estrutura *ser-no-mundo* está totalmente articulado com o *Dasein*, que se caracteriza através do cuidado (SYT: 2005, p.230). Nesse desvelar, se consegue aclarar, segundo o pensador, a problemática da realidade, pois *ser-no-mundo* caracteriza-se no *cuidado*, sendo uma possibilidade de análise da realidade.

Considerando-se o *problema da verdade* se pode afirmar que seu objetivo primordial é encontrar a forma como o ser se relaciona com a *verdade*. Na obra ST, especificamente no § 44, há uma intensificação argumentativa sobre a temática que envolve o *ser* e a *verdade*, que foi denominado, na obra, de “essência da verdade”. Sobre essa perspectiva de Heidegger, acerca da verdade percebe-se que para ele a verdade é *desvelamento* e não *Alethéia* como foi interpretado pela tradição.

Diante dessas perspectivas verificadas no Capítulo 3, do presente estudo percebeu-se que o *cuidado* é visto por Heidegger na primeira seção de ST como o ser estrutural do *Dasein*, em que a temporalidade possibilita uma perspectiva ontológica do sentido da *finitude* no seu manifestar ontológico.

Nesse capítulo, também refletimos sobre as interferências causadas pela técnica em sua manifestação no existencial. Isso significa que a delimitação dos saberes em áreas específicas de conhecimento interfere em uma maior compreensão da condição de *ser-no-mundo*. O resultado disso: são as dificuldades enfrentadas pela humanidade no *âmbito ôntico* em suas diversas modalidades. Visto que, a esfera de circunvisão se torna muito limitada diante do panorama existencial-ontológico.

Uma das nossas bases estabelece a necessidade de uma leitura de ST em termos de prática existencial. Essa mesma perspectiva encontrou nas interpretações de Stein em seu livro *Seis Estudos de Ser e Tempo*, em que afirma:

Se a questão da teoria é sobretudo uma questão de exercício da teoria, portanto, uma questão do agir humano, o problema do conhecimento torna-se prático. É neste sentido que a questão teoria /práxis percorre como tema central da obra *Ser e Tempo*. (2002, p..24)

Já na introdução nós salientamos, as argumentações de Fromm, escritas no livro, *Ter ou Ser?* (1987). Fromm parte de um pressuposto, que é a esperança de que os seres humanos encontrem o despertar de sua prisão onde predomina o ter. Nessa predominância é que aparecem o agir prático e interesse guiados, muitas vezes pelos sentimentos ruins, entre eles: a ganância, egoísmo absorvidos pelo cuidado *ôntico* destrutivo, na passagem de uma geração para outra, ou seja, repetimos nosso agir que causará o mal a outras pessoas, visando os próprios interesses. O resultado disso é verificado no Capítulo 4 do presente estudo, em que percebeu-se os problemas enfrentados no âmbito da natureza na contemporaneidade, em que salientou-se a maneira como alguns pensadores interpretam o que seja natureza, e a maneira que Heidegger, nos possibilita uma reflexão no contexto desse manifestar existencial por meio do *cuidado*.

Constatou-se que, para Heidegger o existencial cuidado possibilita um aprofundamento da vida fática. *Dasein* é *ser-no-mundo* e *ser-com-os-outros*, em

uma relação que envolve ocupação e a solicitude. *Ser-em*, na forma *do ser-com* os outros (mit-*Sein*), ou seja o *Dasein* é afetividade compreensão e discurso, dentro da alternância em sentidos *ônticos* e *ontológicos*.

Entre as possibilidades interpretativas de uma ética em ST, pode-se verificar que existe a busca de um chamamento ao ser, esquecido pela historicidade decaída, que nos domina, e que se caracteriza por uma visão tecnicista e não ética do mundo.

GLOSSÁRIO

O presente glossário tem o objetivo de estabelecer uma compreensão ampla de palavras presentes nas obras de Heidegger, as quais possuem significações específicas. As informações são dadas, com base nas obras lidas do pensador, juntamente com comentadores e verificadas nas referências. A justificativa baseia-se no fato de que, dessa forma se terá um melhor entendimento da temática.

ABERTURA: É uma estrutura existencial do *Dasein* como *ser-no-mundo*, em que possibilita a necessidade do cuidado. É um modo fundamental do *Dasein*, de conformidade com o qual, o *Dasein* é seu “aí”. Abertura é entendida como encontrar-se, entender o discurso e concerne de modo igualmente originário, ao mundo, ao *ser-em* e ao *si-mesmo*. (ST, 2012, p. 611). A constituição do ser do *Dasein* pertence essencialmente à abertura em geral. Essa abrange o todo da estrutura-de-ser que é explicitada pelo fenômeno da preocupação. É essencialmente factual, (ST, 2012, p. 613).

ANGÚSTIA: fenômeno existencial que coloca o ser humano diante do nada, que ocasiona a necessidade do *cuidado*. No sexto capítulo de ST, Heidegger considera que, o fenômeno da angústia é ocasionado pelo fenômeno da decaída, que ocasiona a abertura e a necessidade do *cuidado* no existencial.

DASEIN: Heidegger utiliza a palavra *Dasein*, para designar o manifestar do ser nos humanos. Assume um papel fundamental em suas obras, pois o *Dasein* é o único ente capaz de se perguntar: *O que é o ser?* Segundo Stein, no artigo “Algumas considerações acerca do conceito de mundo.”³⁹ (p. 99-112), afirma que *Dasein* = **Da**: intuitivo, sensível, tempo e **Sein**: inteligível, ser. Ao refletir sobre o *cuidado* no ser do *Dasein*, percebe-se que o *Dasein* é, segundo Inwood (2002), frequentemente desleixado, despreocupado, desatento para com os outros seres humanos, mas possui *Bersorgen* (ocupação), *Fursorgen* e *Sorge* (termos que foram elucidados no Capítulo 2). Em relação ao *Dasein* Inwood (2002, p. 29) dirá que possui a significação de *presente, disponível, existir*. A tradição o interpreta no sentido de

³⁹ O artigo foi publicado na revista conjectura número 5.

presença. Os poetas interpretam o *Dasein* no sentido de vida. Na obra *ST Dasein* é empregado para se referir ao ser dos humanos, o ente que tem esse ser. O *Dasein* se refere a homens, mulheres, crianças e jovens. O *Dasein* unifica os seres humanos não havendo a divisão de corpo e espírito.

ENTE: vocabulário que designa o manifestar do ser. Heidegger conceitua em *ST* ente da seguinte forma: Ente é tudo aquilo do que falamos, em que pensamos, aquilo com respeito ao qual nos comportamos desta ou aquela maneira, ente é o que nós somos e o modo que somos. (SYT.; 2005, p.30).

EXISTÊNCIA: Heidegger conceitua em *ST* (1998, p. 367) a existência, buscando etimologicamente sua derivação da palavra *Ex- Sister*, que significa ultrapassar, estar fora, na realidade, ou seja, instaura horizontes de possibilidades. Também constata em *ST* (2012, p. 59), *que existência é o ser ele mesmo em relação ao qual o Dasein pode comportar-se e sempre se comporta desta ou daquela maneira. A existência também pode ser interpretada como o contato existente no mundo, o existir pessoal e interior de cada um, que envolve a decadência e a facticidade no cotidiano de cada Dasein.*

FACTICIDADE: Refere-se ao fato dos seres humanos estarem no mundo independente de sua vontade. É a estrutura existencial de *ser-no-mundo*. Isso significa, estar-no-mundo de um ente *intramundano*, de forma tal, que esse ente possa se compreender, como ligado ao seu destino ao ser do ente que comparece para dentro de seu próprio mundo (SYT, 2012, P. 82). O *Dasein* em consequência da facticidade de estar-no-mundo, apresenta variadas formas de estar, ou seja, produzir, cultivar, usar, cuidar, abandonar, desejar, perder-se, empreender, levar ao término, averiguar, contemplar, discutir e determinar.

MORTE: Fenômeno existencial, pertencente à existência, constituída pela *ser-cada-vez- meu*. No *Dasein* representa a incompletude de suas realizações.

SER: Heidegger inicia suas argumentações em *ST*, constatando que houve um esquecimento de reflexões em torno do ser na história da filosofia. Ele analisa por meio de uma reflexão de historicidade filosófica o porquê isto aconteceu, chega a conclusão de que o **ser é**. Em suas averiguações reflexivas, a união do sentido predicativo e existencial do manifestar do ser nos entes. No *Dicionário de Heidegger*

(2002, p. 164) existe a seguinte idéia em torno do ser. “O ser é o éter no qual o homem respira: sem este éter, ele fica reduzido a um mero rebanho e todos os seus efeitos a uma mera reprodução do rebanho.” Em ST (2012, p. 51), conceitua *ser* na seguinte perspectiva: “Ser é cada vez o ser de um ente”.

SER-COM: É um existencial do *Dasein*, em que existe a possibilidade de o *Dasein* se reconhecer no outro. O termo tem caráter- ontológico existencial. O *Ser-com* está estritamente relacionado a dois modos de ser do *Dasein* enquanto *ser-no-mundo*, ocupação e preocupação. Sua significação envolve as palavras: sentir, pensar, viver junto com outros.

SER-NO-MUNDO: Na obra ST, Heidegger afirma que, *ser-no-mundo* é uma estrutura original e total, que envolve uma variedade fenomenal. É ser-com- os outros, e sua interpretação está interligada ao fenômeno do *cuidado*; tem um significado ontológico-existencial, pois se refere a uma estrutura unitária fundamental. Sua relação é dinâmica e constituída pela maneira de comportar-se do *Dasein*. Em ST (2010, p. 231), também é interpretado no *sentido do*. “[.] absorver-se a temático do ver-ao-redor nas remissões constitutivas da utilizabilidade do todo instrumental.”

SER-EM: É um existencial, um modo de ser do *Dasein* (ST, 2012, p.173), ou seja, é a expressão formal e existencial do ser da presença, sendo a constituição existencial de *ser-no-mundo*. Também significa estar-no-mundo, habitar, se preocupar com os outros seres.

FENÔMENO: Na obra heideggeriana ST, fenômeno é o manifestar-se em si, que não pode ser confundido com aparência.

FENOMENOLOGIA: A fenomenologia, em Heidegger, é vista com outros olhos, no sentido de que para o filósofo é o manifestar do fenômeno, na consciência, na experiência, ou seja, para Heidegger a fenomenologia estuda o que está em nossa consciência, manifesta-se em nossas ações diante do mundo. Consequentemente, ela é diferente da que foi inaugurada por Husserl, em que se limitava às estruturas da consciência no sentido de uma atividade constituída por atos. A definição fenomenológica de fenômeno designa o ser do ente, ou seja, demonstrar algo que está encoberto. Em ST (2012, p. 123), Heidegger afirma: A fenomenologia é o modo

de acesso ao que deve se tornar tema da ontologia e que a ontologia só é possível enquanto fenomenologia. Desta forma para Heidegger a fenomenologia é a *ciência do ser do ente*, Ontologia. Considera que Filosofia é Ontologia fenomenológica universal cuja o ponto de partida é a hermenêutica do Dasein (2012, p. 129).

ÔNTICO: Manifestar fenomenológico no nível dos entes.

ONTOLOGIA: Estuda o manifestar fenomenológico em nível do ser. Na obra ST, verifica-se, em suas argumentações, uma destruição da ontologia tradicional greco-cristão ao estabelecer uma ontologia fundamental que possua uma validade transcendental na existência.

TÉCNICA: Deriva da palavra grega *téchne*, significando ter conhecimento de produção, sendo uma modalidade de saber.

TEMPO: O pensador teve o percebimento reflexivo de que no nível do Dasein o tempo se manifesta em passado, futuro e presente em suas decisões, consequentemente o *cuidado* exerce uma influencia marcante em toda a existência.

TEMPORALIDADE: No *Dicionário de Heidegger*, escrito por M. Inwood, constata-se que a temporalidade “com seus *ecstases* está intimamente envolvida com a atividade do Dasein. O “aonde” ou esquema horizontal do passado (*Gewesenheit*) é o puro fato de que nos encontramos lançados e temos de fazer algo em nós mesmos; o do futuro é o “*em-função-de-si-mesmo*”, o objetivo ou propósito do *Dasein*; o do presente é o “a fim de”, os meios pelos quais ele realiza seu objetivo. Em ST (2005, p. 120) ela se mostrará como o sentido do ser deste ente, que chamamos *Dasein* (2005. p. 120).

VIDA FÁTICA: A expressão utilizada por Heidegger sofreu a influência de Aristóteles, tendo o significado de algo que se move por si, ela recebe influências diárias na busca pela sobrevivência.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rogério da Silva. *O Cuidado no Heidegger dos anos 20*. Orientador Dr. Nelson Fernando Boeira, Porto Alegre UFRGS, 2012.
- Aristóteles, PESSANHA, José Américo Motta. *Metafísica (livro I e II) Ética a Nicômaco; Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. 329 p. (Coleção os pensadores).
- BARASH, Jeffrey Andrew. *Heidegger e o seu século: tempo do ser, tempo da história*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BRITO, Adriano Naves de. *Ética: questões de fundamentação*. Brasília, DF: UnB, 2007. 351 p.
- CANTO-SPERBER, Monique. *Dicionário de ética e filosofia moral*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003. 2 v. (Coleção Idéias.).
- CASSIRER, Ernst. *A filosofia das formas simbólicas*. São Paulo: M. Fontes, 2001-2004. 3 v. (Coleção Tópicos).
- CAYGILL, Howard. *Dicionário Kant*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.
- COLOMER, Eusebi. *El pensamiento alemán de Kant a Heidegger*. 2. ed. Barcelona: Herder, 1995. 3 v. (Biblioteca Herder. Sección de Teología y Filosofía; 174).
- CORRÊA, R. Wilma. *A Perspectiva Ética da " Carta sobre o Humanismo" de Martin Heidegger*. FUNREI, São João del-Rei, n. 3. p. 51-54, jul. Disponível em: Revista Eletrônica Print by <http://www.funrei.br/publicações/Μετανόια> . Acesso 9 de fevereiro 2011.

DASTUR, Françoise. *Heidegger e a questão do tempo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

DREYFUS, H. *Being-in-the-word*. London: The MIT Press, 1991.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FARIAS, André Brayner de. A Desconstrução da técnica e o habitar humano: uma leitura de Heidegger. Conjectura, Caxias do Sul, RS: v.9, n.1/2,, p. 125-133, jan. 2004.

FLEIG, M. *Seminários de Zollikon*. v.1-n.1, 2003. Disponível em: <Ftp://Ftp.cle.unicamp.br/pub/heidegger-e-prints/resenha -v.1- n.1.2003. Acesso em 10 de fevereiro de 2013.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 28.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.. (Coleção educação e comunicação).

HAAR, Michel. *Heidegger e a essência do homem*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. (Pensamento e Filosofia).

HEIDEGGER Martin. *Ser e Tempo*. 1. Ed. Bilingue. RJ, Petrópolis: Vozes, 2012.

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. 2. ed. Petrópolis: 2004. (Coleção Pensamento humano).

HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o humanismo*. 2. ed. rev. São Paulo: Centauro, 2005.

HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. 302p. (Os pensadores).

HEIDEGGER, Martin. *Da experiência do pensar*. Porto Alegre: Globo, 1969

HEIDEGGER, Martin. *El ser y el tiempo*. México, Fondo de Cultura Económica, 1986. (Sección de Obras de Filosofía).

HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. Lisboa: Instituto Piaget, 1987. (Pensamento e Filosofia;17).

HEIDEGGER, Martin. *O fim da filosofia: ou a questão do pensamento*. São Paulo: Duas Cidades, 1972. 111 p.

HEIDEGGER, Martin. *Que é isto a filosofia? Identidade e Diferença*. São Paulo: Duas Cidades, 1989. 77 p. (Textos filosóficos).

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. 15.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. 2 v. (Coleção Pensamento Humano).

HEIDEGGER, Martin. *Serenidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2000 (Coleção Pensamento e filosofia;.43).

HEIDEGGER, Martin. *Sobre o problema do ser: o caminho do campo*. São Paulo: Duas Cidades, 1969. 72 p.

HODGE, Joanna. *Heidegger e a ética*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998. (Pensamento e filosofia, 33)

HUISMAN, Denis. *Dicionário dos filósofos*. 2. ed. Rio de Janeiro: M. Fontes, 2001

INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002. (Coleção Dicionários de Filósofos).

INWOOD, Michel. *Heidegger*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

JONAS, Hans. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

JONAS, H. *O princípio vida: Fundamentos para uma biologia filosófica*. Trad. de C. A. Pereira. Petrópoles: Vozes 2004.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Lisboa: Edições 70, 1995. 117 p. (Textos filosóficos ; 7)

KRAUT, Richard. *Aristóteles: a Ética a Nicômaco*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LEÃO, Emmanuel, Carneiro. *Aprendendo a Pensar*. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. 268p.

LOPARIC, Zeljko. *Ética e Finitude*. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: Escuta, 2004. 114 p.

LOPARIC, Zeljko. *Heidegger réu: um ensaio sobre a periculosidade da filosofia*. Campinas, SP: Papyrus, 1990. 254 p.

LOPARIC, Zeljko. *Heidegger*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004. 87 p.(Filosofia passo-a-passo).

LOPARIC, Zeljko. *Sobre a responsabilidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003 (Coleção Filosofia, 158).

MACDOWELL, João Augusto A. Amazonas. *A gênese da ontologia fundamental de Martin Heidegger: ensaio de caracterização do modo de pensar de Sein und Zeit*. São Paulo: Loyola, 1993. (Coleção filosofia).

MANSBACH, Abram. *Heidegger's critique of cartesianism*. Disponível em: www.bu.edu/wcp/papers/contmans.htm. Acesso em 20 de fevereiro de 2013.

MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de ética: de Platão a Foucault*. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MARQUES, Jordino. Ethos e ética em Heidegger. Revista Educação e Filosofia. Uberlândia, n,4, v.7, p. 59-66 Jul-dez. 1989.

MERTENS, Roberto Saraiva. *Análise estrutural do cuidado na analítica existencial de Martin Heidegger*. Dissertação (mestrado). Orientador Marco Antônio Casa Nova. 2003. Disponível em: <http://www.pgfil.uerj.br/exibited.php?id=57>. Acesso 22 de janeiro de 2013.

MORAES, Maria Cândida. *Pensamento eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MOTTA, Fernando C. ALCADIPANI, Rafael. Jeitinho Brasileiro, Controle Social e Competição. Revista de Administração de Empresas. V.39, n. 1 SP. Jan/março, 1999.

NODARI, Paulo César. *Sobre ética: Aristóteles, Kant, Levinas*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2010.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Correntes fundamentais da ética contemporânea*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. (Coleção Cristianismo e Libertação).

PASQUA, Hervé. *Introdução à leitura de Ser e tempo de Martin Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. (Coleção Pensamento e Filosofia; 21).

PEGORARO, Olinto Antonio. *Ética dos maiores mestres através da história*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

PLATÃO. *Dialogos*. 1 ed. Ed: Abril Cultural 1972 (Coleção os Pensadores).

REDYSON, D.. *Sobre o conceito de verdade em Martin Heidegger*. STUDIA DIVERSA, CCAE-UFPB, vol.1, n 1. Acesso em: outubro de 2007. Disponível em: HTTP://www.ccae.ufpb.br/public/studia_arquivos_01/deyse_01PDF. Acesso: 6 de Abril de 2013.

ROCHA, Zeferino. A Ontologia Heideggeriana do Cuidado e suas Ressonâncias Clínicas. Síntese: Revista de Filosofia, Belo Horizonte MG. V.38, n.120, Jan./2011.

RORTY, Richard. *Ensaio sobre Heidegger e outros*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999. 309p. (Pensamento e filosofia 49).

SAFRANSKI, Rüdiger. *Heidegger: um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*. São Paulo: Geração Editorial, 2000.

SALTINI, Cláudio João Paulo. *Afetividade e inteligência*. 5.ed. atual. Rio de Janeiro: WAK, 2008.

SIDEKUM, Antônio. *Ética e alteridade: a subjetividade ferida*. São Leopoldo, RS: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2002. 206 p.

SILVA, S. *A ética das virtudes de Aristóteles*. Dissertação (mestrado) Unisinos 2008.

SILVA, L. S. *A ética das virtudes em Aristóteles*. Orientador Dr. José Nedel, Porto Alegre UNISINOS, 2008.

STEIN, Ernildo. A filosofia e a tarefa da verdade. Chronos: Caxias do Sul, v2, n2, p. 13-24, Ano1968, jan. 1968.

STEIN, Ernildo. Sobre a tarefa do pensar: uma reflexão com Heidegger. Conjectura, Caxias do Sul, RS, v.1, n.0, p. 73-84, jun. 1987.

STEIN, Ernildo. *A questão do método na filosofia: um estudo do método heideggeriano*. São Paulo: Duas Cidades, 1973. 170 p.

STEIN, Ernildo. Algumas considerações sobre as origens do conceito de mundo no pensamento de Heidegger. Conjectura, Caxias do Sul, RS, v.1, n.1, p. 99-112, dez. 1987.

STEIN, Ernildo. *Compreensão e Finitude: Estrutura e Movimento da Interrogação Heideggeriana*. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2001.

STEIN, Ernildo. Condições e origem do filosofar. Chronos: Caxias do Sul, v1, n1, p. 8-17, Ano1967, jan. 1967.

STEIN, Ernildo. *Epistemologia e crítica da modernidade*. 3.ed. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2001. 107 p. (Coleção ensaios. Política e filosofia).

STEIN, Ernildo. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. 208 p (Coleção filosofia ;152).

STEIN, Ernildo. *Racionalidade e existência: o ambiente hermenêutico e as ciências humanas*. 2.ed. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2008. 138 p.

STEIN, Ernildo. *Seis estudos sobre "ser e tempo"*. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. (Coleção textos filosóficos).

STEIN, Ernildo. *Seminário sobre a verdade: lições preliminares sobre o parágrafo 44 de Sein und Zeit*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. 343 p.

STEIN, Sofia Inês Albornoz. *Ética e política*. Goiânia: UFG, 1998.

STEIN, Sofia Inês Albornoz; KUIAVA, Evaldo Antônio; CONGRESSO INTERNACIONAL : FILOSOFIA, Educação e Cultura 2., 2006, Caxias do Sul, RS)). *Linguagem, ciência e valores: sobre as representações humanas do mundo*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2006.

VATTIMO, Gianni. *Introdução a Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998. 210 p. (Pensamento e filosofia).

VEIGA, Itamar Soares. *Cotidiano e Queda: Uma Análise a partir do Parágrafo 38 de Ser e Tempo*. Porto Alegre PUC: Clarinete 2012.

VEIGA, Itamar Soares. *Existência e cotidiano: um estudo a partir do ser e tempo*. Conjectura, Caxias do Sul, RS: v.8, n.1, p. 57-72, jan. 2003.

VEIGA, Itamar, Soares. *A decaída em Ser e tempo: explicitação de um existencial Esquecido*. Orientador: Dr. Ernildo Stein, Porto Alegre PUC, 2007.

VEIGA, Itamar Soares; SCHIO, Sônia Maria (Org.). *Heidegger e sua época*. Porto Alegre: Clarinete, 2012. 229 p.

ZAJDSZNAJDER, Luciano. *Ser Ético*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1994.

ZIMMERMAN, Michael E. *Confronto de Heidegger com a modernidade: tecnologia, política e arte*. Lisboa: Instituto Piaget: 2001 (Coleção Pensamento e filosofia 73)